
RIVALS
ON
lockdown
GAIA TATE

Índice

Capítulo 1. O aquecimento
Capítulo 2. Trancado
Capítulo 3. Congelado
Capítulo 4. Sozinho
Capítulo 5. Juntos
Confira minhas outras histórias:

Rivais em confinamento

MM Conto Romance

Gaia Tate

© Copyright 2024 por Gaia Tate. Todos os direitos reservados.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência e não intencional do autor.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito do autor.
Copyright © 2024 por Gaia Tate
FIC027190

Assine a newsletter de Gaia Tate
TikTok @autorgaiatate
Instagram @authorgaiatate
E-mail autorgaiatate@gmail.com

Índice

CAPÍTULO 1. O AQUECIMENTO

CAPÍTULO 2. TRANCADO

CAPÍTULO 3. CONGELADO

CAPÍTULO 4. SOZINHO

CAPÍTULO 5. JUNTOS

NOTA DO AUTOR

CONFIRA MINHAS OUTRAS HISTÓRIAS

CAPÍTULO 1. O AQUECIMENTO

As luzes da arena zumbiam no alto, lançando sombras ásperas sobre o gelo. Os pulmões de Louis Zenith queimavam enquanto ele acompanhava o disco. Restavam trinta segundos no relógio e o placar empatava em 3 a 3. Ele sentia a presença de Kaden Faulter em algum lugar atrás dele, esperando que ele cometesse um erro. Sete anos desde os juniores, e nada havia mudado — Faulter ainda estava lá, sempre observando, sempre pronto para atacar.

A mídia adorou isso — os dois, sempre se circulando. Zenith e Faulter, a rivalidade favorita do hóquei, nomes ligados em todas as colunas esportivas como uma piada cósmica. Não importava que eles não fossem nada parecidos. Kaden Faulter, o garoto de ouro da liga, herdeiro do império midiático Faulter, que provavelmente tinha marcas de grife costuradas em seus uniformes de treino. O loiro Adonis, com sua velocidade relâmpago e um sorriso de menino bonito que fazia as fãs suspirarem. E havia Louis: cabelos escuros, ombros largos, um defensor que havia subido nas pistas locais e pegado equipamentos emprestados. Os fãs adoraram, inventando histórias sobre seus "encontros eletrizantes" no gelo, debatendo cada olhar e ombreira como se tivessem algum significado oculto. Se ao menos soubessem o quanto realmente não se suportavam.

A voz do técnico Martinez cortou o rugido da torcida. "Zenith! Cuidado com a esquerda!"

O aviso veio uma fração de segundo tarde demais. Com Louis preso entre observar o disco e verificar seus passes opções, um borrão branco e azul — a camisa de Faulter — brilhou em sua visão periférica. Antes que pudesse transferir o peso do corpo para se preparar para o impacto, Kaden o atingiu com força, fazendo com que seus ombros se chocassem. O disco desapareceu do taco de Louis enquanto ele lutava para manter o equilíbrio. Faulter clássico — fazendo o golpe parecer uma jogada defensiva limpa para os árbitros, enquanto lançava todo o seu peso no ângulo perfeito para tirar Louis do ritmo. Louis girou com força, o gelo espirrando enquanto se esforçava para alcançá-lo, mas Kaden sempre fora apenas meio passo mais rápido.

Faulter cruzou a linha azul enquanto Louis corria para diminuir a diferença. O goleiro deles, Mike, se posicionou, ombros eretos, mas Louis já sabia o que estava por vir. Sete anos assistindo ao mesmo chute — um rápido toque no taco, um leve desvio de ombro e, em seguida, o canto superior. O disco saiu do taco de Faulter no momento em que Louis se lançou para bloqueá-lo. Tarde demais. O último apito soou no ar ao atingir o fundo da rede.

Visitantes 4, Casa 3.

Louis bateu o taco no gelo, o estalo perdido na explosão de aplausos da torcida visitante. Dois gols hoje à noite, e para quê? Só para ver o Kaden Faulter iluminar o placar nos segundos finais.

Kaden soltou um grito de vitória que se destacou entre todos. "É assim que se faz!"

Louis se forçou a olhar para cima, observando seu rival embarcar em sua volta comemorativa característica. Mãos erguidas para a multidão, aquele sorriso milionário brilhando enquanto ele absorvia a atenção. Alguns torcedores da casa estavam até torcendo por ele agora — traidores. Louis apertou o taco com mais força até os nós dos dedos doerem. Estávamos apenas no meio dos playoffs, não era o fim do mundo, mas perder na véspera de Natal tornou a derrota ainda mais dolorosa.

"Sacode isso, Zenith", gritou o treinador Martinez atrás dele, mas Louis mal o ouviu por causa do sangue correndo em seus ouvidos.

Os times se alinharam para o tradicional aperto de mão, um desfile de camisas suadas e um espírito esportivo forçado. Louis tentou regular a respiração enquanto a fila se aproximava. Ele conseguia fazer isso. Ele conseguia ser profissional. Ele conseguia...

"Feliz Natal, Zenith", Kaden disse lentamente quando ficaram cara a cara, a voz transbordando de falsa doçura. "Considere este meu presente para você — um lembrete de que algumas coisas nunca mudam."

"Aproveite enquanto dura", Louis rosnou, encontrando seu olhar. "Seu número circense está ficando velho."

"Talvez", disse Kaden, os lábios se curvando num sorriso venenoso. Ele se aproximou, a respiração visível no ar frio. "Mas você ainda não consegue evitar cair nessa, não é?"

" *Foda-se* ", Louis sussurrou, forçando um sorriso para os repórteres, mesmo com o maxilar cerrado. Os flashes das câmeras explodiam ao redor deles como relâmpagos — os fotógrafos nunca perdiam seus preciosos momentos de rivalidade.

Kaden riu baixinho. "Ah, não seja assim. Você sabe que é meu brinquedo favorito." Ele se aproximou ainda mais, seus lábios roçando a orelha de Louis. "Ninguém mais sente aquela bela onda de raiva como você."

"Vá se ferrar", Louis cuspiu, passando por ele.

A risada baixa de Kaden o seguiu pela fila. "Bons sonhos, Lou. Com certeza vou pensar em você quando estiver polindo meu troféu hoje à noite."

Louis se forçou a cumprir os apertos de mão restantes, cada um deles um borrão de movimento que ele executava no piloto automático. O vestiário o chamava — um refúgio da multidão em festa, do sorriso irônico de Faulter, de tudo.

Ele foi o primeiro a passar pela porta, sentando-se no banco em frente à sua baia. Os aromas familiares de fita adesiva e suor não conseguiam mascarar o ranço da derrota. Um por um, seus companheiros de equipe foram chegando, com a conversa pós-jogo de sempre sendo mitigada por murmúrios. Ninguém

olhou para ele. Eles sabiam que não era bem assim.

Pela janelinha perto do teto, Louis podia ver a neve começando a cair com mais força, os flocos grossos e pesados. O alerta meteorológico em seu celular avisara sobre uma tempestade se aproximando naquela noite. Suas mãos se moviam mecanicamente — desamarrando patins, tirando equipamentos, guardando cada peça na mochila com precisão treinada. A rotina deveria ter sido relaxante. Não foi.

Enfeites e guirlandas em miniatura decoravam o ambiente — Taylor, o gerente de equipamentos, havia passado horas na decoração natalina. Agora, parecia apenas sal na ferida. Louis estendeu a mão e arrancou um pedaço de enfeite de sua barraca, deixando-o cair no chão.

"Não deixe que ele te afete", disse Mike, o goleiro deles, da baia ao lado. Sua voz estava rouca de frustração, mas ele tentou manter um tom encorajador. "É véspera de Natal, capitão. Deixa pra lá."

"Estou bem, só me dá um espaço", disse Louis, as palavras saindo mais ásperas do que o pretendido. Ele sabia que estava parecendo um babaca, mas não conseguia evitar. Algo em Faulter sempre lhe tirava a compostura, fazendo-o sentir como se ainda fosse aquele garoto bêbado da festa pós-jovens, com o coração disparado e a vergonha queimando no peito.

Mike lançou-lhe um olhar cúmplice, mas não insistiu. Homem inteligente. Em sete anos de hóquei profissional, em três times diferentes, Mike Patterson foi o goleiro mais perspicaz com quem Louis jogou.

“Ei, a festa na minha casa ainda está rolando”, gritou Santiago Lopez, o ala-pivô, para o vestiário. “A esposa já tem o suficiente "Comida para um exército, e o Papai Noel com certeza vai deixar um uísque de primeira debaixo da nossa árvore. Ninguém deveria ficar sozinho esta noite."

Alguns aplausos desanimados ecoaram pela sala. Louis manteve a cabeça baixa, concentrado em arrumar a mala. Já havia decidido que não iria. A ideia de bater papo, de ter que manter a cara de pau enquanto todos se esquivavam da derrota — ao redor dele — lhe dava arrepios.

“Isso inclui você, capitão”, acrescentou Santiago incisivamente.

"Vou pensar sobre isso", murmurou Louis, o que ambos sabiam que significava não.

Ele pegou o celular na bolsa, lembrando-se da mensagem da tia Mara antes do jogo. Ela sempre ligava nos feriados, mas quando ele pegou o telefone, não havia sinal no vestiário. A mensagem dela ficou lá, sem resposta: *Boa sorte hoje à noite, querida. Me liga depois?*

Ela se preocupava com a possibilidade de ele ficar sozinho durante as férias, mesmo ele tendo garantido repetidamente que estava bem. Era o que tias faziam, ele supôs. Ele ligaria para ela mais tarde, no caminho para casa.

A neve caía com mais força, cobrindo as janelas com um espesso manto branco. Louis observou por um instante, lembrando-se dos invernos em Minnesota, onde praticava tacadas no quintal até seus dedos ficarem dormentes e a tia Mara o arrastar para dentro para tomar chocolate quente. As coisas eram

mais simples naquela época. Antes da fama, antes da pressão, antes de o hóquei se tornar mais uma questão de fãs e narrativas da mídia do que a pura alegria do jogo.

Louis permaneceu em sua baia, reorganizando metodicamente seus equipamentos já arrumados enquanto seus companheiros de equipe saíam um por um. Era seu ritual pós-derrota — esperar até que a sala esvaziasse antes de se permitir realmente processar a derrota. Alguns caras precisavam conversar, precisava da compaixão comunitária, mas Louis sempre preferira a solidão. Hoje, felizmente, todos pareciam ansiosos para voltar para casa, para suas famílias, para seus jantares de véspera de Natal, para suas vidas além daqueles muros.

Os sons habituais do vestiário foram desaparecendo gradualmente: bolsas de equipamentos fechando, botas rangendo contra o piso, vozes se distanciando. Louis contava cada partida como batimentos cardíacos até que, finalmente, o silêncio abençoado se instalou. Ele expirou lentamente, os ombros caídos enquanto deixava sua compostura cuidadosamente mantida ceder um pouco.

"Louis?", a voz do treinador Martinez o assustou. O homem mais velho estava parado na porta, de casaco e uma mochila pendurada no ombro, olhando para o vestiário escuro com a preocupação estampada no rosto envelhecido. "Você está bem, filho?"

Louis se endireitou automaticamente. "É, treinador. Estou bem."

Martinez ajeitou a bolsa, hesitante. "Você tem algum lugar para ir hoje à noite? Alguém para passar o Natal?"

"Claro", mentiu Louis suavemente, as palavras com um gosto amargo na língua. "Minha tia está me esperando." Ele não mencionou que tia Mara morava do outro lado do país, em Minnesota, ou que a única ligação deles no Natal seria o telefonema anual, onde ambos fingiam não estar sozinhos.

"Ótimo, ótimo." Martinez assentiu, parecendo aliviado. "Bem, Feliz Natal então. Não fiquem até muito tarde — até os zeladores merecem chegar cedo em casa hoje à noite."

"Feliz Natal, treinador", respondeu Louis, esperando até que os passos de Martinez desaparecessem no corredor antes de soltar um longo suspiro.

Finalmente, verdadeiramente sozinho.

Pegou a toalha e foi para o chuveiro, abrindo a água quente no máximo. Os jatos atingiram seus ombros com uma força contundente, mas ele recebeu com satisfação o calor quase doloroso. O vapor o envolvia enquanto permanecia imóvel sob o jato, perdendo a noção do tempo enquanto o jogo se repetia sem parar em sua cabeça. Mas não era mais apenas o jogo — o rosto de Faulter continuava a se destacar, não o sorriso afetado da vitória de hoje, mas uma expressão completamente diferente. Uma que ele passara anos tentando esquecer.

O vapor engrossou ao seu redor e, de repente, ele estava de volta lá, sete anos atrás. A música da casa fora abafada pelo ar da noite, as luzes da piscina lançando tudo em um brilho azul etéreo. Faulter o seguira para fora — ou Louis

o seguira? Os detalhes estavam borrados agora, perdidos no tempo e no álcool, mas ele se lembrava com perfeita clareza de como o rosto de Kaden parecera ao luar. Como ele estivera pálido, o peito subindo e descendo com respirações rápidas e superficiais enquanto olhava para Louis. Houve um momento então, esticado como um fio entre eles, o cloro cortante no ar e os grilos cantando na escuridão.

Então, algo mudou naqueles olhos azuis, algo cru e aterrorizado, antes que ele desviasse o olhar e passasse por Louis, praticamente correndo de volta para dentro de casa. Louis ficou ali parado por um longo tempo, observando as ondulações na piscina refletirem o luar.

Mesmo agora, o coração de Louis martelava com a lembrança. Meu Deus, como ele tinha sido ingênuo naquela época.

O amontoado de emoções em seu peito doía, emaranhado demais para ser desvendado adequadamente. A derrota daquela noite não era crucial no grande esquema das coisas, mas as provocações familiares de Faulter o atingiram com mais força hoje. Sete anos da mesma dança, e ele ainda não havia aprendido a deixá-las escapar. Mas ele não conseguia chorar — ele Nunca chorei. Não daria a Faulter a satisfação de saber que ainda tinha esse poder sobre ele.

Depois do que poderiam ter sido horas, Louis finalmente desligou a água. Enrolou uma toalha na cintura e saiu do box, com gotas d'água ainda escorrendo pelo peito. O prédio estava em silêncio, exceto pelos sons distantes da equipe de limpeza fazendo suas rondas e o zumbido familiar do Zamboni renovando o gelo.

Mas quando voltou para o vestiário, ele parou de repente. Ele não estava sozinho.

"Aquele era o seu banho completo?", Kaden deu um sorriso irônico, olhando Louis de cima a baixo, de onde estava sentado, afundado em um dos bancos. "Porque você levou uns trinta minutos."

Louis sentiu um frio repentino, intensamente consciente de sua quase nudez. Ficou paralisado, com água pingando no chão. "O que você está fazendo aqui?"

"Aproveitando a vista", disse Kaden, com aquele sorriso irritante ainda nos lábios.

Ele estava impecável, recém-tomado banho e impecavelmente arrumado, com uma camisa sob medida por baixo do que provavelmente era um casaco de lã absurdamente caro. Sem dúvida, a caminho de algum jantar beneficente de Natal chique, onde encantaria a todos com aquele sorriso ensaiado. O contraste entre eles — Louis encharcado apenas com uma toalha, Kaden parecendo ter saído de uma revista — fez Louis cerrar o maxilar.

“Como você sabia que eu estaria aqui?”

"Você sempre fica para um banho de tristeza depois de perder", provocou Kaden, com um sorriso irônico. "Todo mundo sabe disso."

"Se você veio se gabar, não estou no clima", disse Louis, indo em direção à sua baia. Ele acompanhou os movimentos de Kaden do canto do olho — do

jeito que uma presa observa um predador circulando, músculos tensos para o ataque inevitável.

"Não", disse Kaden enquanto se levantava, deixando a bolsa no banco. Seus passos ecoaram no vestiário quase vazio. "Só queria dar uma olhada no meu inimigo favorito. Você parecia tão acabado lá depois do estouro do cronômetro. Quase me fez me arrepender daquele último gol."

Os ombros de Louis ficaram tensos à medida que Kaden se aproximava. Ele se ocupava com seus equipamentos, mas aquela colônia familiar — provavelmente mais valiosa que seu carro — enchia seus pulmões a cada respiração. O príncipe do fundo fiduciário, fingindo ser um deles. Mesmo agora, com o contrato de Louis sólido o suficiente para garantir aquele apartamento no centro e a nova casa de sua tia, algo na riqueza casual de Kaden o fazia doer os dentes.

"É, claro. Fica bem longe de mim", murmurou Louis, finalmente se virando para encontrar o olhar de Kaden. O azul familiar daqueles olhos o pegou de surpresa, e ele viu algo cru e desprotegido cintilar no rosto de Kaden — sumindo tão rápido que ele poderia ter imaginado, substituído pelo mesmo sorriso calculado que fez Louis cerrar o maxilar.

"Pare de fingir que me odeia, Lou." A voz de Kaden ficou mais baixa, quase gentil, e essa suavidade era pior do que qualquer provocação. "Nós dois sabemos que não é assim, não é?"

As palavras o atravessaram com precisão cirúrgica, encontrando a antiga ferida que Louis passara anos tentando desesperadamente enterrar. Gelo pareceu cristalizar em suas veias, mas ele manteve o rosto cuidadosamente impassível — uma habilidade aprendida com muitas câmeras, muitos momentos como aquele. Com movimentos deliberados, agarrou sua camisa térmica e se virou, usando o movimento de puxá-la sobre a cabeça para esconder qualquer verdade que pudesse estar estampada em seu rosto.

"Eu não te odeio, Faulter", disse Louis, com a voz baixa e cáustica, mesmo com o coração martelando nas costelas. "Você não é nada para mim." A mentira tinha gosto de cobre em sua língua, familiar e áspera, aperfeiçoada ao longo de anos de prática.

Kaden se aproximou novamente, a lã cara do seu casaco roçando no braço nu de Louis. "Que fofo", ronronou. "É por isso que seu coração está batendo forte?"

O calor inundou o rosto de Louis, espalhando-se pelo pescoço. Não havia como Kaden saber sobre seu pulso acelerado, mas essa percepção só fez seu rosto arder ainda mais. Ele odiava como Kaden conseguia lê-lo tão facilmente, como cada defesa que ele construía não significava nada sob aquele olhar cúmplice.

O vestiário de repente pareceu pequeno demais, quente demais, apesar do ar invernal que entrava pelas janelas altas; ele ouvia o ronco distante do aspirador de pó da equipe de limpeza, os últimos ecos de vida no prédio. Louis pegou sua cueca e calça na cabine, com a raiva revirando suas entranhas. "Você pode ir embora? Quero me vestir e dar o fora daqui."

"Nada que eu não tenha visto antes", disse Kaden, a voz transbordando de falsa doçura. Deu alguns passos medidos para trás e se virou, acrescentando com veneno meloso: "Não se preocupe com o tamanho, Lou — eu sei que está frio aqui dentro, sem julgamentos."

Louis vestiu as roupas com movimentos bruscos e raivosos, depois sentou-se para calçar as meias e as botas. Durante todo o processo, ele conseguia sentir a presença de Kaden — ainda ali, empoleirado no banco, de costas como uma estátua pensativa naquele casaco ridículo de grife.

Enfiando o resto de suas coisas na mochila, Louis fechou o zíper da parka e foi em direção à porta. Seus dedos se fecharam em volta da maçaneta, giraram — e encontraram forte resistência. Tentou novamente, com mais força dessa vez, mas a porta não se moveu.

Um frio se instalou em seu estômago enquanto seus olhos percorriam a maçaneta e o mecanismo da fechadura. "Que porra é essa?", ele se virou para encarar Kaden. "Você fez isso?"

"Fazer o quê?" A voz de Kaden continha o mesmo tédio aristocrático que fazia Louis querer dar um soco nele.

“Estamos presos.”

Isso chamou a atenção de Kaden. Ele se levantou, ainda agora com uma graça fluida. "Como assim, *trancado* ? Cheguei há uns trinta minutos."

“Havia faxineiros no corredor?”, perguntou Louis.

"Como eu ia saber? Eu estava ocupado demais te vendo tomar seu banho de piedade." Mas havia uma rispidez na voz de Kaden agora, algo menos controlado.

“Alguém entrou aqui?”

"Não." A fachada perfeita de Kaden cedeu um pouco quando ele cruzou a porta para testar a maçaneta. "Eu não sei."

Louis tirou o celular do bolso, mas já sabia que não havia sinal no vestiário — nunca houve, as grossas paredes de concreto bloqueavam qualquer esperança de sinal. Passou os dedos pelos cabelos e soltou um suspiro profundo. "Bem, isso é simplesmente perfeito."

CAPÍTULO 2. TRANCADO

As luzes fluorescentes zumbiam no alto, lançando sombras ásperas pela sala. Um conjunto de luzes de Natal que Taylor havia pendurado ao redor da gaiola de equipamentos piscava intermitentemente, seu piscar alegre em desacordo com a crescente tensão na sala. Um chapéu de Papai Noel esquecido pendia frouxamente em um dos ganchos para casacos, zombando da situação difícil deles.

"Verifique seu telefone", exigiu Louis, sua voz ecoando nos armários.

Kaden sacou o smartphone com uma lentidão exagerada. "Sem sinal", murmurou, e o guardou de volta no bolso do casaco. "Acho que você vai ficar comigo, querida."

Louis bateu o punho contra a porta, sentindo uma dor aguda nos nós dos dedos. O som oco ecoou pelo quarto vazio. "Ei! Tem alguém aí?" Mais um golpe, depois outro, cada impacto um apelo desesperado no silêncio. Ele continuou, esperando que algum segurança ou faxineiro da madrugada o ouvisse, mas a única resposta foi o baque surdo do próprio punho contra o metal. Depois de um minuto inteiro, com a mão dolorida e inútil, ele a deixou cair ao lado do corpo. Claro, ninguém os ouviria — era véspera de Natal e a equipe de limpeza já tinha ido embora havia muito tempo.

Louis bufou de irritação, deixando a bolsa cair perto da porta com um baque antes de tirar o casaco e deixá-lo cair descuidadamente em cima dele.

Kaden já havia se acomodado no banco novamente, tirando um livro encadernado em couro da bolsa como se estivesse planejando umas férias. A maneira casual como virava cada página fazia o sangue de Louis ferver.

"Tá brincando comigo? Vai ficar só lendo?"

"O que você prefere?" Os olhos de Kaden brilharam, com um toque de zombaria em suas profundezas azuis. "Poderíamos nos aconchegar para nos aquecer. Jogar verdade ou desafio ou strip poker."

"Vá para o inferno." Louis caminhou até as janelas altas, estudando os retângulos estreitos perto do teto. Lá fora, a neve ainda caía pesadamente, cobrindo o vidro. Ele arrastou um dos bancos de madeira pelo chão, o som de raspagem satisfatoriamente áspero.

"O que exatamente você está fazendo?", perguntou Kaden, finalmente levantando os olhos do livro enquanto Louis começava a colocar um segundo banco em cima do primeiro.

"Como é que está?", Louis resmungou, firmando a torre improvisada. "Vou sair daqui. Alguns de nós têm lugares para ir."

Ele não tinha nenhum lugar para estar, mas Kaden não precisava saber disso.

"Você não vai sair por essa janela, Homem-Aranha." A voz de Kaden era cortante de divertimento. "Primeiro, esse seu peito largo não vai passar por aí, e segundo, não tem maçaneta — a janela não abre. E você definitivamente não vai conseguir se tiver cacos de vidro."

Louis o ignorou, subindo nos bancos empilhados. A estrutura de madeira balançava perigosamente sob seu peso.

Atrás dele, um livro se fechou com um estalo, e a voz de Kaden cortou o ar. "Você quer quebrar a porra do seu pescoço?"

Louis o ignorou e estendeu a mão para a janela, os dedos procurando por algum apoio. Não havia maçaneta. Ele empurrou o vidro, experimentando, e então bateu nele.

"Levar todos esses golpes deve ter dado um nó na sua cabeça, querida", disse Kaden, mas havia um tom de rispidez em sua voz. "Embora assistir você fracassar seja sempre divertido..."

Os bancos se moveram sob ele. Louis sentiu o equilíbrio vacilar, tentou se recuperar, mas já era tarde demais. O mundo se inclinou para o lado quando ele caiu, e o estrondo de seu corpo batendo no banco ecoou pelo vestiário. Uma pontada aguda de dor percorreu sua perna.

"Porra, seu completo idiota!" Os sapatos caros de Kaden apareceram em seu campo de visão e, de repente, ele estava lá, ajoelhando-se ao lado de Louis, o rosto sombreado pela preocupação. "Ei, você consegue me ouvir?"

Louis piscou, a cabeça pulsando. Enquanto tentava se sentar, pontos dançavam em sua visão, e então ele sentiu a umidade quente escorrendo pela perna. Sangue escorria pela calça onde ele prendera o tornozelo no banco.

"Ah, merda..." A sala se inclinou enquanto Louis olhava fixamente para a mancha escura que crescia.

Mas Kaden já estava se mexendo. Ele puxou a perna da calça de Louis para cima, tirou um lenço branco e imaculado do bolso, dobrou-o como um bloco e pressionou-o contra o ferimento.

"Segure isso", ordenou ele, com a voz firme. Então, desenrolou seu lenço de seda — a inscrição dourada "Hermès" brilhando sob a luz fluorescente — e, com mãos surpreendentemente habilidosas, começou a enrolá-lo no tornozelo de Louis como uma bandagem improvisada.

"Tem um kit médico em algum lugar aqui", disse Louis enquanto Kaden apertava as pontas do lenço de seda em volta do tornozelo.

"Isso é só para evitar que você sangre por todo o chão", disse Kaden. "Agora que temos tempo, podemos encontrar o kit médico, limpar o ferimento e enfaixá-lo adequadamente antes que infeccione." Seu braço deslizou em volta da cintura de Louis, quente e firme, enquanto o ajudava a se levantar. "Vamos, valentão." Quando Louis tentou dar um passo, a dor subiu pela perna. Ele agarrou o ombro de Kaden instintivamente, os dedos cravando-se no casaco de lã.

Eles caminharam até o banco intacto, cada passo uma negociação cuidadosa. Louis conseguia sentir a respiração de Kaden em seu pescoço.

“Vou procurar o kit médico”, disse Kaden.

"Está tudo bem", murmurou Louis, sentando-se no banco. "Não preciso de mais nada."

Os olhos de Kaden encontraram os dele, com aquela mistura familiar de zombaria e algo indecifrável. "Se você quiser pegar uma infecção e ter a perna amputada no meio da temporada, então, tudo bem." Seu olhar percorreu a sala antes de pousar em um armário branco preso à parede do fundo. "Ah. Lá está."

Louis não protestou desta vez. Observou Kaden pegar o kit e, em seguida, colocou cuidadosamente o casaco de lã e o paletó no banco ao lado deles. Dobrou as mangas da camisa em rolos precisos e organizados até os cotovelos antes de se ajoelhar diante de Louis.

Algo se moveu na sala. O estalo de luvas de látex perfurou o silêncio enquanto Kaden as calçava. Um por um, ele estendeu bandagens, antisséptico e gaze na bancada à sua frente, com o mesmo foco metódico que demonstrava no gelo.

"Fique quieto", murmurou Kaden, levantando cuidadosamente a perna machucada de Louis para apoiá-la em sua coxa. Seus dedos deslizaram lentamente sobre a bandagem improvisada onde o sangue começara a manchar a seda, escurecendo seu padrão. Louis se viu estudando o tecido familiar intensidade na expressão de Kaden — um olhar que ele normalmente só via durante os jogos.

"Eu poderia ter feito isso sozinho", disse Louis, com a voz mais áspera do que pretendia.

A risada de Kaden foi suave e amarga. "Você provavelmente sangraria até a morte só para me irritar." Seu toque era cuidadoso enquanto limpava o ferimento, a ardência do antisséptico fazendo Louis chiar. Kaden pressionou a compressa contra o ferimento, as mãos firmes enquanto envolvia o curativo fresco com movimentos lentos e deliberados.

"Pronto", disse ele finalmente, os dedos demorando-se no tornozelo de Louis. "Deve aguentar."

Louis engoliu em seco. "Obrigado."

Kaden tirou as luvas de látex, e aqueles olhos azuis finalmente encontraram os de Louis. "Bem, de nada. Não posso deixar você morrer aqui — ninguém acreditaria que eu não te matei." Ele se levantou, tirando a poeira invisível dos joelhos. "Mas tenho que admitir que as manchetes seriam deliciosas. 'Garoto de Ouro do Hóquei Enlouquece, Assassinatos Rivalizam na Véspera de Natal.'"

Louis bufou antes que pudesse se conter, odiando a facilidade com que o som escapara. Pegou o celular novamente, desligando-o e ligando-o na esperança desesperada de encontrar sinal. Nada. Então, a realidade da situação o atingiu como um soco no estômago. "Meu Deus", ele suspirou, o pânico se infiltrando em sua voz enquanto as peças se encaixavam. "Amanhã é Natal. Todo

mundo foi para casa. Ninguém vai revistar este lugar por dias."

Algo brilhou no rosto de Kaden — uma rachadura em sua habitual compostura presunçosa. Sua fachada perfeita se desfez por um instante enquanto a realidade da situação se aprofundava. "Espere, o quê?" Ele tentou disfarçar seu crescente desconforto com um aceno de mão desdenhoso, mas sua voz o traiu, a confiança praticada hesitante. "Alguém certamente virá te procurar. Seremos encontrados. Hoje ou amanhã de manhã, no máximo."

Louis balançou a cabeça. "Ninguém vai me procurar."

"Você tem família, não tem?" O tom de Kaden era estranhamente sério agora, estudando Louis com uma intensidade inesperada.

"Só a minha tia. Podemos passar dias sem nos falar. Ela não vai perceber que tem alguma coisa errada por pelo menos uns dois dias."

"Que tal uma namorada?", perguntou Kaden, e então acrescentou com um sorriso malicioso: "Ou namorado?"

"Cale a boca", Louis retrucou.

"Estou falando sério mesmo", disse Kaden, sem o veneno habitual em sua voz.

"Eu não tenho ninguém", Louis resmungou. "E você? Seus pais? Seu mordomo ou algo assim?"

"Mordomo?", zombou Kaden. "Eu não tenho mordomo."

"Tanto faz! Você não deveria estar em algum evento chique hoje à noite?"

"Você está apenas supondo isso?" A voz de Kaden tornou-se áspera, defensiva.

"Bem, não é?" Louis franziu a testa. "Por que mais você estaria vestido como um príncipe encantado?"

"Mais ou menos", admitiu Kaden relutantemente, os ombros ligeiramente caídos enquanto a fachada polida se esvaía. "Mas eles também não vão me procurar. Vão presumir que eu não apareci por causa da tempestade ou algo assim."

“Oh Deus”, Louis suspirou novamente, caindo para frente com a cabeça entre as mãos.

O silêncio se instalou entre eles por um longo momento antes de Kaden se levantar. Ele caminhou até o barraca mais próxima, vasculhando as bolsas de equipamentos deixadas para trás. Uma barra de proteína saiu da bolsa de Miller, depois outra.

"Ei, pare com isso", protestou Louis. "Você não pode roubar da bolsa dos outros."

"Eles são seus companheiros de equipe, não são?" Kaden nem parou, indo para a próxima baia com calma e determinação. Sua voz ecoou facilmente pela sala silenciosa. "Tenho certeza de que eles não gostariam que morrêssemos de fome."

"Eu, talvez", murmurou Louis. "Você? Nem tanto."

A risada suave de Kaden ecoou pelas paredes enquanto ele continuava sua incursão sistemática pela sala. Barraca por barraca, sua coleção aumentava. Quando finalmente voltou ao centro da sala, depositou cuidadosamente sua recompensa no banco entre elas.

"Bem", anunciou ele, arrumando as barras de proteína em uma pilha precisa, "pelo menos não vamos morrer de fome. Doze barras de proteína devem nos manter vivos tempo suficiente para sermos encontrados." Ele pegou uma, virando-a nas mãos com desdém exagerado. "Mas devo dizer que o gosto da sua equipe para sabores é, na melhor das hipóteses, questionável. Barra de proteína de cidra de maçã?" Kaden torceu o nariz. "Isso parece absolutamente vil."

"Não vou passar o Natal trancado aqui com você", Louis rosnou, mais para si mesmo do que para Kaden.

"O quê, com medo de que inventem outra história sobre nós?" A voz de Kaden pingava um doce veneno. "Algo picante, talvez? Você sabia que tem garotas que acham que a gente transa?"

Louis cerrou os dentes. "Talvez porque você os engana no Twitter?"

"Não", os lábios de Kaden se curvaram num sorriso perigoso. "Acho que eles só estão sentindo essa tensão natural entre nós."

Louis deslizou para fora do banco e recostou-se nele, o ladrilho frio o aterrando enquanto seu coração batia forte, cada batida ecoando em seus ouvidos. Suas palmas estavam úmidas, mas ele ignorou o desconforto. Algo naquela noite — o silêncio, o isolamento, ou talvez apenas a constante provocação de Kaden — tornava o peso em seu peito impossível de ignorar. Ele não tinha certeza se era coragem ou exaustão o que o alimentava, mas a vontade de finalmente lidar com a tensão silenciosa entre eles veio à tona. Se não fizesse isso agora, nunca faria.

"Certo", disse ele, com a voz firme, mas determinada. "Vejo que você vai continuar falando sobre isso, então vamos falar sobre o elefante na sala enquanto estamos nisso."

Seu pulso acelerou quando as palavras saíram de sua boca, mas não havia como voltar atrás. Ele cerrou o maxilar, preparando-se para o que viria a seguir.

Kaden se mexeu onde estava sentado, esticando as pernas à sua frente com um ar de naturalidade. Sua expressão permaneceu calma, mas havia algo em seus olhos — algo cauteloso, como se estivesse esperando para ver onde aquilo ia dar.

Ele inclinou a cabeça levemente, a voz suave e irritantemente natural. "Que elefante?"

O coração de Louis batia forte no peito, mas ele manteve os olhos fixos em Kaden, o maxilar tenso enquanto forçava as palavras a saírem. "A porra do beijo." Cada sílaba parecia um desafio, mas ele se recusava a recuar. Já estava enterrado há tempo suficiente, e se Kaden quisesse continuar insistindo, tudo bem — eles insistiriam.

Ele podia ver o brilho nos olhos de Kaden, uma fração de segundo de algo descuidado antes de se transformar em confusão ensaiada. Louis sabia que

não. Aquele olhar não era real — era Kaden tentando ganhar tempo, lutando por uma resposta.

"Juniores", Louis continuou, com a voz firme apesar do pulso acelerado. "A última partida que jogamos juntos. Eu te beijei na piscina, na festa."

As palavras atingiram o ar como um tapa, ríspido e inevitável. Louis permaneceu imóvel, o olhar firme e implacável. Se Kaden quisesse se fazer de bobo, teria que fazê-lo enquanto encarava toda a força da determinação de Louis. Não havia como escapar disso, não agora.

Um leve rubor subiu pelo pescoço de Kaden, mas seu tom tornou-se áspero, quase mordaz. "Por que diabos você está falando sobre isso agora?"

"Porque toda vez que nos vemos, parece que você está jogando tudo na minha cara", disse Louis, com a voz firme apesar do aperto no peito.

Kaden permaneceu imóvel, com a expressão indecifrável sob o brilho irregular das luzes de Natal. O zumbido suave das lâmpadas fluorescentes no teto preenchia o silêncio, pressionando ambos.

"Eu estava bêbado", disse Louis finalmente, as palavras saindo em voz baixa, quase relutante. "Foi por isso que te beijei. Se te deixou desconfortável — se te chateou — então me desculpe."

"Não aconteceu", disse Kaden, respondendo rápido, quase rápido demais. Seu rosto se transformou como se tivesse mordido algo azedo, e ele acrescentou com indiferença forçada: "Pare de ser esquisito, Zenith."

Louis o observou, esperando o sorriso irônico ou o comentário sarcástico de sempre, mas nenhum veio. Kaden parecia perturbado, quase inquieto, com o olhar fixo na barra de proteína que girava lentamente nas mãos. O silêncio entre eles se prolongou, pesado e constrangedor, quebrado apenas pelo leve zumbido das luzes e pelo piscar ocasional das decorações de Natal.

A confissão pairou no ar, sem solução. Louis sentiu uma estranha pontada no peito — alívio por Kaden não estar zombando dele pela primeira vez, mas também uma estranha e amarga decepção pela falta de reação. A recusa de Kaden em encará-lo, a ausência de qualquer... a resposta real deixou o momento parecendo incompleto, como uma pergunta pairando no ar sem intenção de ser respondida.

Sua perna latejava enquanto Louis se levantava do chão. Precisava tentar abrir a porta novamente, precisava fazer algo além de ficar sentado ali, com o silêncio de Kaden. Cada passo se transformava em um pulo desajeitado, enquanto a dor percorria seu tornozelo.

"Que diabos você está fazendo?", perguntou Kaden. "Você não pode pressionar essa perna a menos que queira sangrar por todo esse lugar."

“Eu disse que não vou passar o Natal aqui com você”, Louis murmurou.

Ele tentou forçar a porta, mas ela não se moveu. Mais dez minutos estudando dobradiças e procurando pontos fracos foram inúteis — sem ferramentas, elas estavam presas.

Kaden aproximou-se dele, com a irritação estampada no rosto. "Pode se sentar de novo, por favor? Não temos bandagens suficientes para refazer sua

perna a cada cinco minutos."

Louis lançou um olhar zangado para Kaden, mas não se deu ao trabalho de responder. Em vez disso, pegou sua parka e foi até o banco mais próximo. O frio estava se tornando perceptível, penetrando em sua pele e deixando seus músculos tensos. Ele se acomodou no banco e colocou a parka sobre os ombros, o peso familiar oferecendo um pequeno conforto.

Louis enfiou a mão no bolso e tirou o celular. Seu polegar pairou sobre a tela por um instante, enquanto considerava verificar novamente, mas se conteve. A bateria estava em 47% e, se ficassem presos ali por mais tempo do que o esperado, seria melhor guardá-la, só por precaução. Desligou a tela e guardou o celular de volta no bolso, olhando para Kaden. Vê-lo sentado ali tão calmo, tão controlado, só piorou a irritação que fervilhava sob a pele de Louis.

"Verificar o serviço novamente?", perguntou Louis, com um tom mais áspero do que pretendia.

"Eu já disse que não tenho nenhuma", disse Kaden, percebendo o tom áspero na voz de Louis.

“Só…verifique novamente.”

“Por que seria diferente do seu?”

"Porque o seu telefone provavelmente custa mais que o meu carro", murmurou Louis. "Talvez o sinal dele seja melhor ou algo assim."

Kaden revirou os olhos, mas havia algo quase carinhoso em sua exasperação. "É, eu entendo — você não quer ficar preso aqui comigo. Mas te custaria pedir com jeitinho?"

Louis não esperava que aquelas palavras o magoassem tanto. Fez uma pausa, olhando de verdade para Kaden pela primeira vez desde que estavam presos. Era verdade — apesar de todas as provocações no gelo, Kaden se comportara surpreendentemente bem desde que estavam presos. Ele ajudara Louis com o ferimento sem hesitar, nem reclamara de ter estragado seu cachecol provavelmente ridiculamente caro. Louis abriu a boca, sem saber muito bem o que dizer...

As luzes fluorescentes piscaram uma, duas vezes e então mergulharam o quarto na escuridão.

"Porra", Louis sussurrou.

"A tempestade deve ter cortado a energia", sugeriu Kaden, com a voz estranhamente próxima no quarto escuro.

"Não, as luzes de Natal ainda estão...", Louis começou, gesticulando em direção à gaiola de equipamentos. Mas, enquanto falava, a alegre sequência de luzes se apagou, deixando-os na escuridão total. "Porra."

CAPÍTULO 3. CONGELADO

O vestiário mergulhou em silêncio. Na escuridão, a única luz vinha da tela do celular de Kaden, cujo brilho frio iluminava seu rosto com um quadrado áspero de luz azul-esbranquiçada. Seus dedos se moviam pela tela, mas, sem sinal, Louis não conseguia entender o que estava fazendo.

O tempo passou lentamente. Uma hora se passou, a temperatura caindo constantemente enquanto o ar invernal penetrava pelas paredes de concreto, com o aquecimento desligado e nada para contê-lo.

Louis havia se recolhido a um dos cantos, com a bolsa de equipamentos embaixo do corpo e o casaco enrolado firmemente nos ombros. O frio o estava deixando sonolento, ou talvez fosse apenas o cansaço do jogo finalmente o afetando. Seus olhos ficaram pesados enquanto observava o contorno tênue da silhueta de Kaden contra a luz fraca.

Ele estava quase dormindo quando um movimento chamou sua atenção. Kaden havia se levantado, o facho da lanterna do celular cortando a escuridão enquanto ele começava outra exploração metódica da sala. Louis acompanhava seu progresso com os olhos semicerrados, observando-o se mover entre as baias, a luz varrendo equipamentos e apetrechos esquecidos.

Quando Kaden voltou, ele segurava algo — uma garrafa de uísque que devia estar escondida na barraca de alguém. Sem cerimônia, ele a levou aos lábios e tomou um longo gole. Então seus passos se aproximaram do canto de Louis.

"Quer um pouco?" A voz de Kaden era baixa, a garrafa pendurada entre eles como uma oferta de paz.

Louis queria dizer não. Era como aceitar a derrota de alguma forma. Mas o frio o havia penetrado profundamente, fazendo seus dentes quererem bater, e de repente, o calor parecia mais importante do que o orgulho. Ele estendeu a mão, seus dedos encontrando a garrafa e roçando na mão de Kaden no processo.

O uísque queimava, mas queimava bem — do tipo que prometia calor e esquecimento. Ele ainda processava a sensação quando Kaden se abaixou no chão, acomodando-se cuidadosamente a meio metro de distância. Perto o suficiente para que Louis pudesse sentir sua presença, sentir o leve aroma daquela colônia cara, mas longe o suficiente para que não compartilhassem o espaço.

Passaram a garrafa de um para o outro em silêncio. Os minutos se transformaram em meia hora, marcados apenas pelo som suave da garrafa trocando de mãos e pelos goles ocasionais. O uísque estava se infiltrando no

organismo de Louis, deixando tudo mais macio nas bordas. O frio não parecia mais tão cortante, e a escuridão assumira um peso confortável.

Quando Louis estendeu a mão para tomar outro gole, os dedos de Kaden continuaram envolvendo a garrafa, sem soltá-la.

"Eu não devia ter deixado você beber", disse Kaden. Havia algo de cauteloso em sua voz. "Pode fazer mal para o ferimento. Deixe-me verificar."

"Está tudo bem", disse Louis, mas Kaden já estava se movendo. O facho da luz do seu celular cortou a escuridão quando ele se ajoelhou na frente de Louis. Ele pressionou as bordas da bandagem, os dedos firmes e cuidadosos, apesar do uísque que haviam compartilhado.

"Parece bom", disse Kaden finalmente, apagando a lanterna. Mas, em vez de voltar ao seu lugar anterior, sentou-se bem ao lado de Louis. Mais perto dessa vez, seus ombros quase se tocando.

Louis virou a cabeça para ele, o álcool deixando seus pensamentos soltos e aquecidos. "Você não está com frio?" A pergunta saiu mais preocupada do que ele pretendia, enquanto observava a camisa fina de Kaden, com as mangas ainda cuidadosamente dobradas até os cotovelos.

"Por quê?", a voz de Kaden carregava aquela doçura venenosa familiar. "Você vai sugerir que compartilhemos o calor do corpo?"

Louis bufou, revirando os olhos. De repente, percebeu que estavam tendo o que quase poderia ser chamado de um momento agradável. Ele não conseguia se lembrar da última vez que isso acontecera — devia ter sido no terceiro ano.

"Você está estranho", disse Louis, o calor do uísque soltando sua língua mais do que ele gostaria. "Qual é a dessa atitude de bonzinho de repente? Você é um babaca comigo no gelo."

Kaden se mexeu ao lado dele. "Um babaca? Eu?" Ele pressionou a mão contra o peito, com uma indignação fingida transbordando de cada palavra. "Duro, Zenith. Diga uma vez que eu tenha sido tudo menos encantador."

“Toda porcaria de partida”, Louis respondeu.

Kaden soltou uma risada baixa, um som tingido de descrença, quase divertido. "Ah, qual é."

“Sua missão no gelo é me irritar.”

"Você pode ser tão idiota, Zenith." O jeito como Kaden disse seu nome pareceu uma carícia e um tapa ao mesmo tempo, uma ferroada que ele conhecia muito bem.

"E você sempre esfrega suas vitórias na minha cara", Louis murmurou, as palavras incisivas, mas não tão afiadas quanto antes.

"Isso parece um problema *seu , não meu* ", disse Kaden com um sorriso amargo, tomando outro gole de uísque. "Toda vez que eu marco um gol, você me olha como se eu tivesse tirado algo de você. Como se eu não merecesse." Ele se aproximou, seus ombros se tocando, sua voz baixa, mas firme. "Veja o de hoje, por exemplo. Aquele gol não foi sorte — passei semanas aperfeiçoando aquele chute. Horas estudando seus padrões defensivos. Mas você prefere acreditar que

eu sou só sortudo do que admitir que eu mereço, não é?"

Louis piscou, sentindo algo se agitar em seu peito que não tinha nada a ver com o uísque. "Você... estudou minha técnica?"

"Claro que sim." Kaden passou a mão pelos cabelos, frustrado, o movimento quase invisível na penumbra do celular. "Você é o melhor zagueiro da liga."

O elogio ficou no ar.

Louis sentiu o rosto esquentar, grato pela escuridão que escondia sua reação. Não estava acostumado a elogios sinceros de Kaden — não sabia bem como lidar com um. A garrafa de uísque jazia esquecida entre eles.

"Você está bêbado", Louis finalmente conseguiu dizer, mas não houve nada de mordaz.

"Não estou bêbado o suficiente para mentir." A voz de Kaden era suave, mas séria. Então, após uma pausa, ele disse: "Tem mais de onde isso veio, sabia?"

Ele se levantou antes que Louis pudesse responder, a luz do celular iluminando a sala novamente enquanto ele caminhava metodicamente pelas baias. Quando voltou, trazia uma garrafa de rum — provavelmente o estoque secreto de Lopez, embora Louis tenha decidido não pensar muito nisso.

Kaden voltou e sentou-se na bolsa ao lado dele, colocando a garrafa de rum entre eles. Depois de um momento, seu A voz saiu baixa, um pouco arrastada. "Por que você não tem uma namorada? As garotas são loucas por você."

A cabeça de Louis pesava, os pensamentos se movendo lentamente como mel. Ele revirava a pergunta mentalmente, sentindo o gosto amargo familiar. "Você está falando sério?" As palavras saíram ásperas em sua língua. "Porque acho que você já sabe a resposta."

Kaden se mexeu um pouco ao lado dele, sua coxa roçando na de Louis. "O quê? Não curte relacionamentos?"

Louis emitiu um zumbido baixo, pensativo, as pálpebras fechando-se sob o peso do uísque e a escuridão opressiva ao redor. Tudo parecia desconfortavelmente próximo e estranhamente distante. "Não estou a fim de garotas, seu idiota", murmurou, com a voz quase um murmúrio.

"Ah." A palavra pairou no ar entre eles, baixa, mas pesada. Louis pôde ouvir o leve soluço na respiração de Kaden, a pausa enquanto ele processava o que acabara de dizer.

"É meio óbvio, não é?", murmurou Louis, o álcool soltando sua língua mais do que pretendia. "Eu te beijei."

A voz de Kaden surgiu depois de um instante, mais lenta agora, mas ainda com aquele toque de curiosidade. "Você poderia ser bi."

"Eu não sou."

"Então são só homens?"

“Mm-hmm.” A palavra permaneceu, simples, mas pesada.

Kaden fez uma pausa e perguntou: "Seus companheiros de equipe sabem?"

"Não." Louis encostou a cabeça na parede fria de concreto. "E eu preferiria que não fizessem isso. Por enquanto."

"Justo", disse Kaden, com um tom de voz calmo, sem dizer mais nada.

O silêncio se arrastou, confortável e pesado de álcool. Louis conseguia sentir cada ponto onde seus corpos se tocavam — ombro com ombro, quadril com quadril, o calor do corpo de Kaden contra o seu através da fina barreira de suas roupas.

"Onde está *sua* namorada?" A pergunta escapou dos lábios de Louis antes que seu cérebro alcoolizado pudesse alcançá-lo. Ele não pretendia parecer tão interessado, mas se Kaden percebeu, não demonstrou.

"Não tenho." Sua voz estava mais próxima agora, mais baixa. O calor de sua respiração roçava o pescoço de Louis, fazendo algo vibrar em seu peito.

"E aquela supermodelo?", Louis insistiu, desesperado para manter alguma semelhança com o antagonismo habitual. "Qual é o nome dela? Aquela de todas aquelas fotos da semana de moda?"

"Kara?", disse Kaden, com um tom de diversão na voz. "Isso foi só para publicidade. Meu agente achou que ficaria bem na imprensa."

Louis virou a cabeça na direção da voz de Kaden, grato pela escuridão que escondia o que quer que seu rosto pudesse revelar. "Você costuma namorar pessoas por publicidade?"

"Na verdade, sim." A risada de Kaden foi baixa e vazia, surpreendentemente honesta. "Meu pai acha que é ótimo para métricas de engajamento. Os fãs adoram. Cada aparição é rastreada, cada foto é analisada. É tudo muito científico."

"E quanto a relacionamentos sérios?" Louis sabia que parecia mais curioso do que pretendia, a pergunta perigosamente crua.

"E eles?" Havia algo cuidadosamente neutro na voz de Kaden agora.

"Já teve uma?"

Por meio minuto, apenas a respiração deles e o uivo distante do vento quebraram o silêncio. Finalmente, Kaden falou, com a voz despojada do polimento habitual. "Na verdade, não. Não tenho tempo para isso."

"Certo", Louis bufou, com um toque de diversão na voz. "Muito ocupado com todas as suas galas beneficentes e coletivas de imprensa?"

"Sou só um pirralho rico e mimado na sua cabeça?" A voz de Kaden tinha um tom cortante agora, mas não o veneno familiar — algo vulnerável, mal disfarçado.

"Não é?" Louis respondeu sem hesitar.

"Isso é hilário", Kaden murmurou, mas Louis podia ouvir o fantasma de um sorriso em sua voz.

Nenhum dos dois se moveu, os ombros ainda pressionados um contra o outro. Ficaram assim por um tempo. Então Kaden se virou ligeiramente, sua voz

cortando o silêncio. "Mas, enfim, quem precisa de relacionamentos sérios quando se pode simplesmente transar, né?" As palavras soaram tensas, quase forçadas, como se ele estivesse tentando fazê-las soarem despreocupadas, sem sucesso.

Louis notou a mudança no tom de Kaden, a forma como a pergunta pairou estranhamente no ar antes de ele falar novamente. "Quando foi a última vez que você transou, Zenith?"

"É, isso não é da sua conta", disse Louis, com um sorriso irônico nos lábios.

"Faz um tempo, não é?", provocou Kaden, embora dessa vez soasse diferente — menos áspero, mais brincalhão.

"Você está vindo para cima de mim?" Louis disse brincando, mas as palavras ficaram presas na garganta quando a mão de Kaden tocou sua coxa. O toque foi deliberado, inconfundível. Na escuridão do vestiário, Louis mal conseguia distinguir o rosto de Kaden, mas o observou se aproximar até que apenas alguns centímetros os separassem, com a respiração quente de Kaden em seu rosto.

"Kaden", Louis sussurrou, mas quaisquer outras palavras morreram em seus lábios quando Kaden fechou a distância final entre eles.

O beijo começou hesitante — apenas uma leve pressão de lábios contra lábios. Louis permaneceu imóvel, com medo de que qualquer movimento pudesse destruir o que quer que estivesse acontecendo entre eles, o coração martelando contra as costelas. Sete anos de tensão, de querer, de fingir não querer, se fundiram naquele único momento.

Quando Kaden se afastou, a ausência de seu calor durou apenas um instante, mas pareceu interminável. Então ele se inclinou novamente e, desta vez, quando seus lábios se encontraram, a língua de Kaden traçou lenta e deliberadamente o lábio inferior de Louis. Louis prendeu a respiração — foi como o primeiro beijo deles na piscina, ambos com gosto de álcool, mas, desta vez, Louis estava bêbado o suficiente para não se importar com o amanhã.

A língua de Kaden deslizou para dentro da boca de Louis, e suas línguas se encontraram em uma corrida ardente. Um gemido baixo escapou da garganta de Kaden, o som percorrendo Louis, fazendo seu sangue ferver. A mão de Kaden começou uma jornada lenta e deliberada pela coxa de Louis, e o corpo de Louis ficou rígido, o pulso trovejando em seus ouvidos. Quando a mão de Kaden encontrou a dureza de Louis, Louis praguejou, e Kaden soltou um suspiro audível. Mas antes que Kaden pudesse fazer qualquer outra coisa, Louis agarrou seu pulso, segurando-o para detê-lo.

Kaden expirou bruscamente contra os lábios. "Desmancha-prazeres", sussurrou.

"Você está bêbado", disse Louis, com a decepção crescendo em seu peito.

"Não tão bêbado assim", Kaden insistiu pela segunda vez naquela noite.

"Sim, você é."

"Mas você me quer", ronronou Kaden, apertando significativamente. Sua

voz ficou mais grave, pingando mel e veneno. "Eu consigo sentir o quanto você me quer, Lou. Você me deseja há sete anos, não é? Toda vez que eu marco um gol contra você, toda vez que eu te provoco — é nisso que você tem pensado."

"Cale a boca", Louis rosnou, mas seu aperto no pulso de Kaden vacilou.

"Me faça", Kaden sussurrou contra a boca, as palavras um desafio e um apelo. Sua mão livre deslizou pelo pescoço de Louis, os dedos se enroscando em seus cabelos. "É isso que te mantém acordado à noite, Lou? Saber que você me tinha ali, e eu escapei por entre os seus dedos?" Seus lábios roçaram o maxilar de Louis.

Louis prendeu a respiração. "Por que você correu?"

"Importa?", sussurrou Kaden, roçando o lóbulo da orelha de Louis com os dentes. "Por que você não veio atrás de mim?" Louis apertou seu pulso com mais força, e Kaden soltou uma risada suave e perigosa. "Todos esses anos me observando, me odiando, me desejando... e você ainda não consegue o que quer." Sua mão se contorceu na de Louis. "Então pegue agora." Sua voz ficou mais grave, mais sombria. "Porque depois desta noite, Lou? Eu posso não tornar as coisas tão fáceis de novo."

Louis ficou imóvel por um longo momento, segurando o pulso de Kaden como ferro, onde segurava a mão de Kaden contra sua rigidez. O Kaden de mais cedo naquela noite fora medido, real — mas agora o uísque havia arrancado algo dele, algo que Louis nunca vira antes.

“Você não pode mais brincar comigo.”

"Não é?" A voz de Kaden estava ofegante, mas ainda provocativa. Sua palma esfregou o pau de Louis deliberadamente por cima da roupa. "Não é isso que você gosta em mim, Lou? Que eu nunca facilite as coisas para você?"

"Não", disse Louis bruscamente, ignorando a forma como seu pênis se contraiu em resposta ao toque. "Eu gostava mais de você uma hora atrás, quando você não estava se escondendo atrás desse ato." Algo passou pelo rosto de Kaden então — cru e desprotegido — antes que a máscara voltasse ao lugar.

"Talvez tenha sido *esse* o ato", disse Kaden com um sorriso irônico, os dedos ainda trabalhando o pau de Louis com precisão. "Além disso, nós dois sabemos que você adora me ouvir te provocando."

Louis conteve um arrepio quando os dedos de Kaden se moveram contra ele, sua mão encontrando a garganta de Kaden, o polegar pressionando seu ponto de pulsação. "Eu poderia fazer você parar de falar."

"Você poderia tentar", sussurrou Kaden, inclinando-se para o toque de Louis em vez de se afastar. "Eu esperava conseguir um bocado..." Suas palavras foram interrompidas por um suspiro quando a boca de Louis encontrou seu pescoço, os dentes raspando a pele sensível — não o suficiente para machucar, apenas um aviso.

“Eu não quero você assim”, Louis murmurou contra sua pele.

Kaden ficou imóvel. Na penumbra, Louis pôde sentir a sutil mudança em sua linguagem corporal — a tensão que se apoderava de seus ombros, a respiração presa e presa por um instante a mais. Quando ele se afastou, o ar frio

passou entre eles, fazendo a pele de Louis formigar.

A tela se iluminou quando Kaden pegou o celular, o facho de luz atingindo o lado do seu rosto — apenas o suficiente para mostrar como sua fachada havia se desfeito. A arrogância havia desaparecido, substituída por algo cru que fez o peito de Louis doer. Seus olhos azuis, geralmente afiados em desafio ou zombaria, agora exibiam uma vulnerabilidade que Louis não via desde aquela noite na piscina, sete anos atrás.

Sem encontrar o olhar de Louis, Kaden pegou a garrafa de rum. Suas mãos não estavam muito firmes quando ele a trouxe aos lábios, dando um longo gole, depois outro. Os sons baixos da deglutição pareciam altos demais no silêncio do vestiário escuro. Ele limpou a boca com as costas da mão e se jogou contra a parede, o tecido caro da camisa social se prendendo e arrastando no concreto.

Os minutos se passaram entre eles, marcados apenas pelo som suave de suas respirações e pelo uivo distante da tempestade. Gradualmente, a respiração de Kaden tornou-se mais profunda, mais regular. A tensão começou a abandonar seu corpo em ondas lentas até que sua cabeça pendeu ligeiramente para um lado. Logo, sua respiração se acalmou no ritmo constante do sono induzido pelo álcool.

Na penumbra, o rosto de Kaden se suavizou, as bordas afiadas de sua máscara habitual suavizadas pela inconsciência. Ele parecia mais jovem de alguma forma, mais parecido com o garoto de sete anos atrás — antes da rivalidade, antes de suas personas públicas, antes de tudo entre eles se tornar tão complicado.

Louis encostou a cabeça na parede, torcendo para que seu coração diminuísse e seu corpo esfriasse. Sua ereção desapareceu lentamente, substituída por uma dor profunda no peito, pior do que qualquer pancada que ele já tivesse levado no gelo. Sete anos se perguntando o que poderia ter acontecido se Kaden não tivesse fugido naquela noite, e agora lá estavam eles — bêbados e trancados em um vestiário, ainda correndo à sua maneira. Ele fechou os olhos, soltando um longo suspiro que nublou o ar frio.

Talvez fosse melhor assim. De manhã, Kaden colocaria a máscara de volta, e eles voltariam a ser o que todos esperavam que fossem: rivais, nada mais.

CAPÍTULO 4. SOZINHO

Louis acordou sobressaltado às oito e meia. Sua cabeça parecia estar cheia de algodão, e as lembranças do uísque faziam suas têmporas latejarem. A energia elétrica devia ter voltado em algum momento da noite — luzes fluorescentes zumbiam no alto, ásperas e implacáveis.

Por um momento, ele não conseguiu se lembrar de onde estava. Então, sentiu o peso quente pressionado contra ele, cada respiração lenta de Kaden batendo suavemente em sua clavícula. Kaden ainda dormia, a cabeça aninhada no peito de Louis, uma mão frouxamente encolhida na frente da roupa térmica de Louis, seus corpos aconchegados sob a parka de Louis para se aquecerem. Como eles conseguiram ficar naquela posição durante a noite, Louis não sabia — provavelmente buscando calor durante o sono enquanto a temperatura caía. Mas a visão o fez prender a respiração, uma dor familiar brotando em seu peito. Kaden parecia diferente assim, todo o seu controle cuidadoso suavizado pelo sono, o cabelo dourado despenteado caindo sobre a testa, os lábios ligeiramente entreabertos. Quase em paz, sem a máscara que usava.

De repente, o som de chaves tilintando na fechadura perfurou o silêncio do quarto.

Louis olhou para cima e prendeu a respiração, o coração disparado. Por um instante, nada aconteceu — então a maçaneta girou com um clique metálico. As dobradiças rangeram quando a porta se abriu lentamente, e uma mulher mais velha, com um uniforme cinza de faxineira, entrou. para dentro. Ela deu um passo e parou abruptamente enquanto observava a cena. Seus olhos vagaram lentamente pela sala — a garrafa de uísque vazia caída de lado, a garrafa de rum próxima, barras de proteína espalhadas, bancos virados onde haviam caído, suprimentos de primeiros socorros espalhados pelo chão e o lenço de seda outrora imaculado de Kaden amassado ali perto, manchado por manchas escuras de sangue seco.

"Oh!", exclamou a mulher suavemente, com o rosto envelhecido assustado ao ver Louis — e depois Kaden, ainda adormecido em seus braços. Suas sobrancelhas se ergueram, sua surpresa inconfundível.

Louis enrijeceu-se, repentinamente consciente de como eles deviam parecer — Kaden pressionado contra seu peito como dois pombinhos se esgueirando para uma noite de intimidade roubada nos armários. Suas bochechas queimaram, a situação parecendo quase impossível de explicar.

"Ficamos presos aqui ontem à noite", Louis ofereceu fracamente, com a voz mais aguda do que deveria, traindo o nervosismo. "Vamos agora", acrescentou rapidamente, como se isso fosse apagar a cena por completo.

A mulher assentiu lentamente, sua expressão cuidadosamente neutra, embora o brilho de descrença educada em seus olhos fosse difícil de ignorar.

O peito de Louis se apertou ao olhar para Kaden. A liberdade estava ao seu alcance, mas com ela chegava o fim de qualquer conexão frágil que tivesse surgido entre eles na escuridão. Ele sabia que não fora o *verdadeiro* Kaden quem o atacara na noite anterior — não completamente. Mas não conseguia se livrar da sensação de que o verdadeiro Kaden, aquele soterrado por camadas de bravata e autodefesa, estava com muito medo de demonstrar suas verdadeiras emoções.

Louis não queria acordá-lo e quebrar aquela sombra de possibilidade. Era como se agarrar a um sonho — delicado e fugaz, já escapando por entre seus dedos enquanto a luz da manhã entrava. Assim que Kaden abriu os olhos, Louis sabia que o momento teria passado, substituído pelas arestas afiadas da realidade.

Por fim, ele expirou e estendeu a mão, que tremia levemente enquanto seus dedos roçavam o tecido amassado da camisa social de Kaden. Seu toque era gentil, quase hesitante, como se pudesse adiar o inevitável por mais um tempinho.

"Ei", disse ele baixinho, com a voz baixa e firme, apesar da dor no peito. "Acorda, Kaden. Podemos ir agora."

Kaden se mexeu com um som suave, seus cílios tremulando enquanto seus olhos se abriam lentamente. Vê-lo assim fez Louis se esquecer de como respirar. Ele era lindo — não apenas do jeito que as pessoas sempre o chamavam, como um Adônis intocável —, mas algo mais. Algo cru, humano e dolorosamente real.

Por alguns preciosos segundos, Kaden simplesmente olhou para Louis, o rosto macio de sono, completamente desprotegido. Um pequeno sorriso atordoado surgiu em seus lábios, como se ele ainda estivesse preso entre a névoa dos sonhos e a realidade. Ele piscou lentamente, seu olhar se demorando em Louis com uma abertura que fez o peito de Louis apertar.

Mas então, foi como se a realidade o atingisse de repente. O pânico brilhou brevemente em seus olhos, e a cor subiu às suas bochechas enquanto ele se endireitava bruscamente, subitamente hiperconsciente de onde estava e com quem estava.

Louis sentiu uma pontada aguda de arrependimento, o peso da decepção se abatendo sobre seu peito enquanto Kaden lutava para se distanciar deles. Levantou-se rapidamente, com movimentos rígidos e desajeitados, paralisado por um instante enquanto olhava para o cômodo, observando a desordem.

"A porta está destrancada", disse Louis suavemente, com a voz firme apesar da dor no peito. Manteve o olhar fixo em Kaden, tentando ignorar a dor amarga do momento que já se esvaía.

Kaden assentiu, mas ainda não olhava para Louis enquanto pegava o celular, sua graça habitual substituída por movimentos rígidos e bruscos. Lançou um olhar rápido para a faxineira antes de se aproximar para pegar sua bolsa no

banco. Suas mãos se atrapalharam um pouco ao pegar o casaco, o rubor em suas orelhas se intensificando e descendo pelo pescoço em um rosa revelador.

Ele se concentrou intensamente em vestir o casaco, sacudir o tecido e deslizá-lo sobre os ombros com mais cuidado do que o necessário. Seus dedos se demoraram nas lapelas, ajustando-as desnecessariamente, desesperado por algo para fazer com as mãos.

Louis se forçou a desviar o olhar, ocupando-se em examinar a perna machucada. Enrolou a perna da calça, examinando o curativo — nenhum sangue fresco, apenas uma dor incômoda. Satisfeito, puxou o tecido de volta para baixo e se levantou, estremecendo levemente ao pegar a bolsa.

Ao olhar para Kaden, percebeu um vislumbre de pânico em seu rosto. Era óbvio — Kaden já estava planejando sua fuga. Sete anos antes, Kaden fugira, e Louis o deixara. Mas Louis não era mais a mesma pessoa. Estava mais velho, mais equilibrado e completamente farto de joguinhos.

"Pronto?", perguntou Louis, com um tom deliberadamente casual ao encontrar o olhar assustado de Kaden.

Kaden piscou como se tivesse ficado surpreso com a simplicidade da pergunta, então assentiu rapidamente e foi em direção à porta.

"Feliz Natal", Louis murmurou para a faxineira enquanto eles passavam por ela no que pareceu ser a mais literal caminhada da vergonha.

"Feliz Natal, meninos", ela respondeu, com um sorriso um tanto cúmplice.

Louis seguiu Kaden para fora do vestiário. Kaden se moveu alguns metros à frente, mantendo uma distância entre eles — não o suficiente para parecer que estava tentando se livrar de Louis, mas o suficiente para garantir que não precisassem conversar. Louis reconheceu a distância como o que era, uma barreira, e a deixou ali, sem ser desafiada, por enquanto.

O corredor se estendia longo e silencioso entre eles. Os ombros de Kaden estavam rígidos, e ele olhava fixamente para o celular, o brilho da tela fraco no corredor escuro. Mas Louis sabia que não havia sinal ali — nem nos corredores, nem em lugar nenhum daquele andar. O movimento rápido dos dedos de Kaden pela tela não passava de uma distração nervosa.

Eles entraram na escada, seus passos ecoando no concreto enquanto subiam. Nenhum dos dois falou, a tensão entre eles aumentando a cada passo. No topo da escada, outro corredor os aguardava, igualmente longo e silencioso. Kaden não hesitou, seu passo firme enquanto liderava o caminho em direção ao vestíbulo.

As luzes fluorescentes do saguão pareciam fortes em comparação com os tons fracos e abafados dos andares inferiores. Um segurança estava sentado perto dos detectores de metal, tomando café. Seu olhar se ergueu rapidamente quando eles se aproximaram, e sua expressão se transformou em uma surpresa, claramente observando suas roupas amassadas e aparência desgrenhada.

“Feliz Natal”, disse Louis com um aceno educado, quebrando a tensão.

O rosto do guarda se iluminou com o reconhecimento. "Feliz Natal, Sr.

Zenith", respondeu ele calorosamente.

Louis olhou para Kaden, notando como sua cabeça se inclinava ainda mais em direção ao telefone. Seus dedos se moviam rapidamente, digitando ou rolando com determinação agora, embora fosse impossível dizer no que ele estava tão concentrado. O rubor em suas bochechas se intensificou e seus ombros se tensionaram como se estivessem se preparando para o reconhecimento. Mas a atenção do guarda permaneceu em Louis, poupando Kaden do constrangimento que ele parecia tão desesperado para evitar.

Louis não disse nada enquanto passavam pelo vestíbulo, mas seu peito estava apertado. Kaden poderia tentar se esconder do olhar do guarda e se concentrar no celular, mas isso não mudaria o que havia acontecido — ou o peso de tudo o que ainda não havia sido dito entre eles.

Louis pegou o celular quando as barras de serviço finalmente apareceram. Três chamadas perdidas da tia Mara. Ele digitou rapidamente uma mensagem: *Oi, estou bem. Desculpe, tive alguns problemas com o telefone! Está tudo ótimo. Ligo hoje à noite*.

Eles atravessaram as portas do estádio e se depararam com um mundo branco. A neve acumulava-se até os joelhos e ainda caía tão espessa que borrava o horizonte, reduzindo tudo a uma névoa fria e rodopiante. Sem dizer uma palavra, caminharam penosamente em direção ao portão, ambos mexendo nos aplicativos do Uber, os dedos congelados desajeitados contra as telas.

As palavras não ditas queimavam no peito de Louis. O que quer que tivesse despertado e ganhado vida naquele vestiário escuro já estava desaparecendo, dissolvendo-se no frio como um sopro no ar do inverno, deixando para trás nada além da dor de sua ausência.

Eles não disseram uma palavra enquanto esperavam pelos Ubers. Louis rolou o celular, dando uma olhada no chat do grupo do time. Alguém havia compartilhado links para artigos elogiando seus arremessos do jogo da noite anterior — aparentemente, eles estavam sendo considerados os melhores da temporada até então. O jogo em si parecia estranhamente distante agora, mesmo tendo sido apenas na noite anterior. Outra mensagem apareceu: fotos da festa na casa de Lopez. Alguns dos caras mencionaram que sentiam falta dele. Louis olhou para as fotos. por um momento, então trancou o telefone, a dor no peito ficando mais forte.

O primeiro conjunto de faróis surgiu, cortando a neve que caía e anunciando a chegada de Kaden. Kaden se virou para ele, e Louis se preparou para o sorriso irônico de sempre, a provocação de despedida que ele já esperava. Em vez disso, Kaden se aproximou e estendeu a mão.

Louis hesitou, mas então apertou a mão. O aperto de mão foi firme, mas breve. Quando seus olhares se encontraram, Louis percebeu algo inesperado: um brilho de lágrimas nos olhos azuis de Kaden. Durou apenas um instante antes que Kaden rapidamente desviasse o olhar.

“Feliz Natal, Zenith”, disse Kaden, com a voz baixa e áspera.

“Feliz Natal, Faulter”, respondeu Louis com a mesma calma.

Louis permaneceu onde estava depois que o táxi de Kaden partiu, as lanternas traseiras desaparecendo na névoa nevada. Mesmo com o frio se aproximando, ele esperou por sua própria carona, imóvel. O que quer que tivesse acontecido entre eles — o que quer que fosse — estava acabado agora.

Ele teve que deixar isso para lá.

***

Louis se movia pela cozinha, o cheiro forte de pato e cranberries permeando o ar. Ele decidira que um jantar de Natal de verdade poderia ajudar a afastar a melancolia persistente — mesmo que fosse só para uma pessoa. Uma salada de queijo feta aguardava em uma tigela de vidro sobre o balcão enquanto ele dava uma última mexida no purê de batatas, com o vapor subindo no ar.

Serviu-se de uma taça de vinho tinto, deixando os suaves acordes da música natalina percorrerem o apartamento. A dor no peito não havia desaparecido completamente, mas parecia diferente agora. Mais leve, de alguma forma, como se finalmente tivesse se livrado de algo que vinha segurando há tanto tempo.

O rosto de Kaden surgiu em sua mente — a expressão dele quando se virou para aquele aperto de mão, a sombra de algo cru em seus olhos que Louis não ousara acreditar que fosse real. Louis suspirou, passando a mão pela nuca enquanto se encostava no balcão. Disse a si mesmo que era melhor assim, que o que quer que tivesse surgido entre eles havia se apagado naquele vestiário. Mas seu corpo se lembrava — sua pele formigava com o fantasma do toque de Kaden, e o peso de sua presença ainda permanecia, impossível de ignorar.

Talvez a noite passada tivesse sido exatamente isso — uma chance de enterrar velhos fantasmas. Uma maneira de finalmente superar qualquer coisa não dita que os assombrava havia anos.

A campainha interrompeu a voz suave de Nat King Cole, assustando-o.

Louis foi até a porta, com a taça de vinho ainda na mão. Não esperava ninguém naquela noite. Talvez fosse um vizinho que tivesse ficado sem sal ou precisasse pegar algo emprestado de última hora. Seus passos diminuíram à medida que se aproximava da porta, com um nervosismo tênue e inexplicável se apoderando de seu peito.

Ele hesitou, depois se inclinou para a frente para espiar pelo olho mágico. Prendeu a respiração.

Não poderia ser—

Seu coração batia forte quando ele girou a fechadura e abriu a porta.

CAPÍTULO 5. JUNTOS

Kaden estava parado no corredor, com seu esmalte de sempre intacto, mas ligeiramente desfeito pela nevasca. Flocos úmidos grudavam em seus cabelos, suas bochechas estavam coradas de frio e seu casaco tinha o brilho tênue de neve derretida. Ele parecia quase nervoso — ainda bonito, mas de alguma forma diferente, mais suave, menos cauteloso. Louis só conseguia encará-lo.

"Ei", disse Kaden, com a voz baixa, quase envergonhada.

"Kaden?", o nome escapou, suave de surpresa. Parecia a única coisa que Louis conseguia dizer, e talvez soasse um pouco idiota, mas ele não se importava. Dizer que estava surpreso seria um eufemismo.

"É uma má hora?", perguntou Kaden, com o olhar brilhando com um leve traço de pânico, como se tivesse acabado de perceber que poderia estar se intrometendo.

"Não... não", disse Louis rapidamente, dando um passo para o lado para deixá-lo entrar. "Eu só estava fazendo o jantar. Entre, por favor."

Kaden entrou no apartamento, segurando uma garrafa de vinho. Mudou de posição desajeitadamente, como se não soubesse o que fazer consigo mesmo. "Eu trouxe vinho", disse ele, em voz baixa, antes de seu olhar se voltar para a taça que já estava na mão de Louis. "Mas vejo que você tem um pouco."

"Obrigado, nunca tem vinho suficiente", disse Louis, um pouco rápido demais, pegando a garrafa de Kaden. Seus dedos roçaram contra a de Kaden por um segundo, e ele se sentiu absurdamente constrangido. Meu Deus, por que ele se sentia como um colegial nervoso? "Como você sabia onde eu moro?", perguntou ele, tentando direcionar seus pensamentos de volta para a realidade enquanto fechava a porta atrás de si.

“Uh…” Kaden hesitou, parecendo envergonhado antes de admitir: “Eu paguei alguém.”

Louis bufou, com um sorriso torto se espalhando pelo rosto. "Espero que não tenha sido ninguém da minha equipe."

Kaden soltou uma risada rápida e suave. "Não, era meu detetive particular", disse ele, lançando um sorriso provocador para Louis.

Louis piscou para ele, incrédulo. "Você está brincando."

Kaden deu de ombros, mas seu sorriso persistiu enquanto tirava o casaco. Por baixo, usava uma camisa social bege grossa que parecia ter sido feita sob medida para ele, impecável e elegante. Parecia ter vindo direto de algum baile de gala da alta sociedade, e não de ter emboscado seu rival na véspera de Natal.

Louis pegou o casaco para pendurá-lo perto da porta, mas, no momento em que o levantou, o aroma da colônia de Kaden preencheu a entrada. Era limpo e caro, familiar por anos de proximidade no gelo, mas ali era íntimo — estonteante de um jeito que fez o pulso de Louis acelerar.

Enquanto Kaden se abaixava para tirar os sapatos, Louis pigarreou, desesperado para se acalmar. "Quer um pouco de vinho?", perguntou, com a voz um pouco casual demais.

Kaden assentiu e Louis o conduziu até a cozinha. O cheiro de pato chiando no forno enchia o ar, misturando-se ao vapor que subia de uma panela de molho de cranberry quente no fogão. Os olhos de Kaden percorreram o balcão — a salada e o purê de batatas dispostos com capricho. Sua expressão vacilou com a hesitação, seu olhar se demorando por um instante antes de piscar.

"Espere", disse ele, com a voz cautelosa. "Você está esperando alguém?"

Um leve rubor subiu pelo pescoço de Kaden enquanto seus olhos se voltaram para Louis, quase em pânico, como se ele tivesse acabado de perceber que poderia estar interrompendo.

"Não", Louis respondeu rapidamente, balançando a cabeça. "Eu só estava planejando uma noite para mim."

"Ah", disse Kaden, relaxando um pouco, mas logo franziu a testa. "Desculpe, eu não queria..."

"Não, está tudo bem", interrompeu Louis. "Que bom que você passou por aqui."

Ele sentiu o rosto esquentar com a admissão, e quando Kaden retribuiu o sorriso, o peito de Louis se apertou. Deus, ele estava tão normal agora — tão desprotegido. O que quer que tivesse acontecido na noite passada tinha mexido com ele. A máscara havia sumido, e essa versão de Kaden, crua e real, fazia as entranhas de Louis vibrarem com uma estranha mistura de nervosismo e excitação.

O silêncio tornou-se denso novamente, constrangedor e pesado. Louis pigarreou. "Você come pato?", perguntou, só para quebrá-lo.

"Eu como de tudo", disse Kaden rapidamente, agarrando-se à conversa fiada como se fosse uma tábua de salvação. "Mas me sinto mal — estou meio que atrapalhando seu jantar."

"Não vai", disse Louis, dando de ombros. "Eu fiz demais."

Ele pegou outro copo, encheu-o de vinho e entregou-o a Kaden. Kaden aceitou, mas não bebeu imediatamente, olhando fixamente para o copo por um momento, os dedos acariciando distraidamente a borda.

"Eu provavelmente não deveria beber", disse ele finalmente, com a voz mais baixa. Um leve rubor subiu-lhe pelo pescoço quando olhou para Louis. "Depois da noite passada..."

Louis congelou, as palavras o atingiram com mais força do que esperava. Ele imaginou que eles conversariam sobre isso eventualmente, mas não tão cedo.

"Sinto muito pelo que aconteceu", disse Kaden, com a voz firme, mesmo

com o rubor persistente. Seu olhar encontrou o de Louis diretamente, sem hesitar. "Estou me sentindo um babaca."

A sinceridade em sua voz deixou Louis momentaneamente sem palavras, a tensão entre eles quase frágil.

"Está tudo bem", disse Louis, tomando um gole de vinho. Ele trocou o peso do corpo de um pé para o outro, hesitando antes de perguntar: "De quanto você se lembra, exatamente?"

Kaden deu de ombros, com as orelhas vermelhas. "Hã... tudo."

Louis soltou uma risadinha, mais nervosa do que divertida. "Bem, então é isso."

"É", murmurou Kaden, com o rosto ficando vermelho. "Lou..."

"Está tudo bem", interrompeu Louis, forçando um tom de voz leve mesmo com o pulso acelerado. "Acontece."

"Não", disse Kaden com firmeza, finalmente tomando um gole de vinho como se precisasse de coragem. "Eu só estava nervoso."

"Nervoso?", perguntou Louis, com a garganta seca de repente. "Por que você estava nervoso?"

Kaden soltou uma risadinha curta e sombria, baixando os olhos para o chão antes de se erguer para encontrar os de Louis. "Porque é você", disse ele simplesmente.

O peito de Louis apertou com aquelas palavras.

O olhar de Kaden permaneceu firme, inabalável. "Porque eu não sei como agir perto de você se não for um babaca."

"Você não precisa", disse Louis, a voz baixando para um sussurro. "Precisa agir, claro."

Kaden engoliu em seco, o rubor em suas bochechas contrastando fortemente com sua tez pálida de porcelana. "Então," ele disse, limpando a garganta numa tentativa de se livrar da intensidade do momento, “onde você aprendeu a cozinhar assim?”

“Minha tia me ensinou”, disse Louis, tomando um longo gole de vinho.

"Ela é uma chef Michelin?", perguntou Kaden, arqueando uma sobrancelha.

Louis riu baixinho. "Ela é motorista de ônibus. Mas cozinhar é o hobby dela." Meu Deus, será que eles estavam mesmo tentando bater papo como seres humanos normais?

Kaden franziu a testa, inclinando a cabeça levemente. "Acho que eu já sabia disso."

Louis piscou, franzindo a testa. "O quê?"

"Você me disse isso", disse Kaden, assentindo. "Tipo, dez anos atrás. Quando jogávamos juntos no júnior."

"Ah", disse Louis, mordendo o lábio. "É. A gente já se conhecia."

"Nós nos *conhecemos* ", respondeu Kaden, um pouco exasperado. "Você

não mudou muito. Exceto, hã... os músculos. Você tem mais músculos agora."

Louis não conseguiu se conter — riu, e o som quebrou a tensão e aliviou o aperto no peito. Era bom, tão bom, rir daquele jeito. "Você está... diferente esta noite", disse ele, sem conseguir conter um sorriso.

"Cala a boca", murmurou Kaden, seus lábios se contraindo no que quase poderia ser chamado de sorriso enquanto tomava outro gole de vinho. "Estou me esforçando muito, se você não percebeu."

"Para não ser um babaca?", Louis provocou, sorrindo.

Kaden bufou, balançando a cabeça. "É, isso."

"Eu estava planejando assistir *Love is Blind* ", disse Louis, sem sentir o menor constrangimento com a admissão. Ele Estava ridiculamente feliz e tonto demais para se importar. Não era o vinho — era a sensação surreal daquele momento, como se tivesse tropeçado em algum filme romântico e louco da Hallmark.

"Então vou assistir com você", disse Kaden, inocentemente. "Tem na Netflix, né? Vim aqui para isso."

"É", disse Louis, a resposta automática. Levou um instante para perceber que Kaden estava flertando. Ele riu, o coração batendo forte nos ouvidos, mas não teve tempo de responder — o alarme do celular disparou, sinalizando que o pato estava pronto.

"O pato", disse Louis timidamente, com as bochechas ainda coradas enquanto se virava para o forno. Tirou a ave perfeitamente dourada, o aroma rico que enchia a cozinha, e se ocupou em cortá-la. Sentia os olhos de Kaden sobre ele, observando-o atentamente enquanto trabalhava.

"Alguma alergia?" Louis perguntou por cima do ombro, pegando dois pratos do armário.

“Não”, respondeu Kaden, sua voz soando quase atordoada.

Louis serviu molho de cranberry sobre o pato glaceado, adicionando purê de batatas e salada a cada prato. A cálida satisfação de cozinhar algo perfeito se misturou à sensação de ver Kaden parado a poucos metros de distância. Louis acenou com a cabeça em direção à sua taça de vinho, deixada no balcão. "Pode pegar a minha taça? E a garrafa de vinho?"

“Entendido”, disse Kaden.

Com pratos, copos e vinho nas mãos, eles foram para a sala de estar.

O espaço brilhava suavemente com luzes de Natal, criando um calor aconchegante enquanto eles colocavam a comida na mesa de centro. Eles se afundaram no sofá, e Louis pegou o controle remoto, ligando a Netflix, hiperconsciente da pequena e silenciosa distância entre eles.

"Netflix e relaxar, de fato", disse Kaden, espreguiçando-se casualmente e recostando-se no sofá.

Louis revirou os olhos, mas não conseguiu conter o sorriso. "Você também está muito lisinha esta noite."

Kaden corou — de novo, pela décima vez naquela noite. "Desculpe",

disse ele rindo, com as orelhas novamente rosadas. "É o vinho falando."

Louis não pôde deixar de notar como Kaden estava diferente assim — relaxado, genuíno, sem arestas ou personalidade cuidadosamente elaborada. Eles colocaram *Love is Blind* e começaram a comer.

"Isso é incrível", murmurou Kaden com a boca cheia de pato, um pouco de molho de cranberry brilhando em seus lábios. "É tão bom."

"Obrigado", disse Louis, seu olhar se fixando naquela gota de molho nos lábios de Kaden, hipnotizado. Engoliu em seco, tentando se concentrar no próprio prato, mas não conseguiu comer muito. Seus nervos estavam à flor da pele com Kaden sentado tão perto, então, em vez disso, tomou um gole de vinho e tentou manter as mãos firmes.

Eles riam facilmente enquanto assistiam ao programa, com Kaden fazendo comentários sarcásticos sobre cada casal na tela.

"Escute, ela está 100% decepcionada com a aparência dele", Kaden bufou perto do final do primeiro episódio.

"Sim", Louis riu, e um calor o inundou, algo que pouco tinha a ver com o álcool.

“Este programa finge ser tão inclusivo com toda a sua premissa”, continuou Kaden, acenando com o garfo para dar ênfase, “mas, na realidade, não é. Eles não colocam pessoas realmente feias aqui, então é claro que o 'experimento' deles”, acrescentou aspas com os dedos, “funciona. E mesmo assim, não o tempo todo. Tenho certeza de que, uma vez que o a mundanidade de suas vidas desaba, eles vão se separar em um mês ou mais.”

Louis riu novamente, virando-se para encará-lo. Kaden parecia tão à vontade, seu rosto suave sob o brilho das luzes de Natal, e por um momento, Louis apenas o observou, sentindo algo mudar em seu peito.

Louis pousou a taça de vinho e inclinou-se ligeiramente para a frente, o movimento atraindo a atenção de Kaden. Kaden ergueu os olhos, arqueando as sobrancelhas em surpresa quando seus olhares se encontraram. Louis ficou imóvel, prendendo a respiração, esperando para ver o que Kaden faria.

E então Kaden se inclinou, diminuindo a distância.

Quando seus lábios se encontraram, não foi nada como antes. Não havia desespero alcoólico, nem medo, nem provocações ásperas. Apenas suavidade. Honestidade.

O beijo continha tudo o que eles não tinham conseguido dizer — as defesas cuidadosas se desfizeram. Kaden abriu os lábios, convidando Louis a se aprofundar, e quando suas línguas se encontraram, um choque elétrico percorreu Louis, deixando-o sem fôlego. Kaden gemeu baixinho, com a respiração ofegante, e o som enviou uma onda de calor para o estômago de Louis.

Louis se ajoelhou, guiando Kaden para que ele deslizasse de volta no sofá até que sua cabeça estivesse perto do braço da cadeira. Kaden esticou as pernas sob o corpo, as mãos segurando a cintura de Louis.

O beijo se aprofundou, ficando mais quente e insistente. A mão de Louis percorreu o peito de Kaden, seus dedos roçando as linhas firmes dos músculos

sob o tecido. Quando sua mão desceu, encontrando o cós da calça de Kaden, seus dedos tatearam o botão. Mas assim que ele começou a desabotoá-lo, Kaden parou embaixo dele.

Louis interrompeu o beijo, afastando-se o suficiente para olhá-lo. "Você está bem?", perguntou, com a voz áspera e trêmula.

"Sim", disse Kaden rapidamente, com as bochechas coradas e a respiração ofegante. Suas mãos permaneceram na cintura de Louis, segurando-o perto como se tivesse medo de que ele se afastasse. "Eu só... preciso te contar uma coisa."

"O quê?", perguntou Louis, com a cabeça ainda girando e o peito arfando por causa do beijo. "Se for sobre ontem à noite..."

"Não é", interrompeu Kaden, balançando a cabeça. Seus olhos encontraram os de Louis, incertos, mas atentos.

"Estou apaixonado por você, Zenith", disse Kaden, com a voz trêmula. "Estou apaixonado por você há anos. Muito antes de você me beijar. Mas eu estava com medo..."

Louis congelou, o coração martelando no peito. A confissão o atingiu como um golpe, deixando-o momentaneamente atordoado. "Porra, Kaden", murmurou, as palavras escapando antes mesmo que ele pudesse pensar.

"Sinto muito", Kaden começou, com a voz embargada, mas Louis o interrompeu com outro beijo, mais profundo dessa vez, sem dar espaço para hesitação.

"O que você quer?" Louis murmurou contra seus lábios, sua voz baixa e áspera.

"Você", Kaden sussurrou, prendendo a respiração.

Os lábios de Louis encontraram o maxilar de Kaden, traçando beijos lentos e deliberados por ele e descendo até o pescoço. Kaden estremeceu sob ele, um suspiro suave escapou quando Louis beliscou levemente a pele sensível, deixando-o trêmulo.

"Eu quero tudo", sussurrou Kaden, deslizando as mãos pelos quadris de Louis e puxando-o para perto, pressionando seus corpos. Louis podia sentir a excitação de Kaden através das calças, e, ao mover os quadris, esfregou sua ereção correspondente contra a de Kaden. Ambos gemeram com o contato, o som cru e carente.

"Me fode", Kaden sussurrou, com a voz baixa e desesperada enquanto empurrava os quadris para cima. Seus movimentos eram urgentes, suas pupilas dilatadas de desejo.

Louis sentiu uma onda de calor percorrer seu interior, seu pulso martelando enquanto seus lábios se encontravam novamente em um beijo ardente e frenético. Suas mãos desceram, desabotoando a calça de Kaden, seus dedos tremendo levemente.

Antes que pudesse tirá-los, Kaden enfiou a mão em um dos bolsos, procurando algo. Louis se afastou o suficiente para ver o que ele estava fazendo e quase riu alto quando Kaden ergueu um pequeno frasco de lubrificante e um

pacote de preservativos.

Claro. Kaden Faulter sempre vinha preparado. Apesar de toda a sua vulnerabilidade naquela noite, ele ainda era um canalha convencido que sabia exatamente o que queria — e não tinha intenção de ir embora sem saber.

Louis finalmente puxou as calças de Kaden para baixo, seguidas pela cueca, deixando-o nu — e visivelmente excitado. O pau de Kaden balançou entre eles, corado e duro. Louis congelou por um segundo, incapaz de desviar o olhar, prendendo a respiração ao vê-lo.

Kaden, no entanto, não parou. Suas mãos já estavam na camisa de Louis, puxando-a por cima da cabeça antes de pegar sua calça jeans. Louis o ajudou, tirando-a rapidamente e abaixando a boxer. Seus dedos se moveram para os botões da camisa de Kaden, abrindo-os um por um.

Mas antes que pudesse ir longe, Kaden parou de repente, seu olhar caindo sobre o pênis de Louis. Seus lábios se separaram enquanto ele soltava um gemido suave. xingamento, seus olhos fixos em Louis: grande, totalmente duro e visivelmente dolorido por contato.

Alguns segundos depois, ambos estavam completamente nus, com a respiração ofegante enquanto se observavam. Louis fez uma pausa, seus olhos fixos nos de Kaden, em busca de confirmação. Ele precisava ter certeza.

Kaden não disse nada — nem precisava. Ele estendeu a mão para Louis, mantendo-a firme enquanto aplicava uma quantidade generosa de lubrificante nos dedos dele. A mensagem era clara.

Louis não hesitou. Enquanto Kaden abria as pernas e o apoiava dos dois lados, Louis se inclinou para frente e começou a prepará-lo. Começou devagar, deslizando um dedo e observando a reação de Kaden. Kaden mordeu o lábio, inclinando a cabeça para trás, os olhos se fechando enquanto se adaptava ao toque.

Louis o acariciou por um instante, movendo-se com cuidado, antes de adicionar um segundo dedo. Desta vez, a reação de Kaden foi imediata — um gemido alto e desesperado que preencheu o ambiente. Seus quadris se contraíram levemente, buscando mais.

"Me fode, Lou", Kaden sussurrou, com a voz suplicante. "Por favor. Eu preciso de você."

Louis não precisou que lhe dissessem duas vezes. Pegou a camisinha da embalagem e a enrolou rapidamente antes de untar o pênis com lubrificante. A visão de Kaden embaixo dele, ofegante e pronto, fez seu peito apertar de desejo e de algo mais profundo.

Louis retirou os dedos e alinhou seu pênis com a entrada de Kaden, seus olhos se fixando onde seus corpos estavam prestes a se conectar. Ele empurrou lentamente, sentindo a tensão se esticar ao seu redor enquanto Kaden ofegava, sua cabeça caindo para trás novamente com um gemido de prazer.

"Me avisa se for demais", disse Louis, com a voz rouca de desejo, as mãos tremendo levemente contra os quadris de Kaden. "Me avisa se precisar que eu pare."

Kaden encontrou seu olhar, com as pupilas dilatadas, a voz rouca e ofegante. "Não pare", disse ele, com uma urgência quase de pânico.

Louis empurrou um pouco mais, centímetro por centímetro, tentando manter o controle enquanto observava a reação de Kaden. O pau de Kaden pulsava entre eles, corado e vazando, enquanto seu corpo se ajustava. Louis agarrou os quadris de Kaden com mais força, aprofundando-se ainda mais enquanto ambos gemiam com o alongamento avassalador.

"Porra", Louis praguejou, prendendo a respiração ao finalmente enfiar tudo e parar. Ficaram assim por um instante, apenas respirando, os corpos escorregadios e totalmente conectados. O peito de Kaden subia e descia rapidamente, e quando seus olhos encontraram os de Louis, havia um olhar quase suplicante — um sinal silencioso.

Era tudo o que Louis precisava. Ele se afastou lentamente, quase completamente, antes de se empurrar novamente, arrancando um gemido alto de ambos. A sensação era estonteante, uma mistura perfeita de calor e pressão que enviava descargas de prazer por todo o seu corpo.

Louis encontrou um ritmo, seu pênis deslizando para dentro e para fora com mais facilidade agora que o corpo de Kaden estava encharcado de lubrificante. Suas estocadas ficaram mais rápidas, cada uma mais desesperada que a anterior, enquanto se moviam em perfeita sincronia.

"Mais forte", gemeu Kaden, erguendo as mãos para envolver o pescoço de Louis, puxando-o para mais perto. "Me fode... mais forte."

Louis não conseguiu conter o riso ao ouvir o pedido, sua própria excitação aumentando diante do puro desespero na voz de Kaden. Deus, ele não queria mais nada.

"De joelhos", Louis rosnou, sua voz áspera e autoritária.

O pênis de Kaden se contraiu visivelmente com as palavras, seu corpo reagindo instintivamente à ordem. Sem hesitar, ele se moveu, seus movimentos rápidos e ávidos, pronto para o que Louis planejasse em seguida.

Assim que Kaden se virou, acomodando-se de quatro na frente de Louis, nu e esperando, Louis sentiu uma onda vertiginosa de excitação. A visão dele — arqueado, exposto e tão pronto — fez Louis prender a respiração.

"Segure-se no braço da cadeira", rosnou Louis, com a voz áspera e autoritária. Kaden obedeceu imediatamente, agarrando-se com as duas mãos, o corpo firme.

Louis se aconchegou de volta nele, uma mão pressionada firmemente contra a parte inferior das costas de Kaden enquanto a outra agarrava seu ombro como alavanca. Sem hesitar, Louis começou a fodê-lo, com força e rapidez, cada estocada profunda e precisa. Os gemidos de Kaden enchiam o quarto, desesperados e descarados, misturando-se aos gemidos de Louis enquanto ambos se rendiam ao ritmo primitivo.

Os sons que eles faziam eram altos, obscenos, ecoando no ar — Louis tinha certeza de que os vizinhos conseguiam ouvir cada segundo. A ideia de suas trepadas barulhentas e sem remorso atravessando as paredes enquanto outros se

reuniam para o jantar de Natal só o estimulava.

Os gemidos de Kaden ficaram mais agudos, carregados de desejo, seu corpo tremendo sob o ritmo implacável de Louis. Percebendo o quão perto ele estava, Louis se abaixou, estendendo a mão por baixo para agarrar seu pênis. Envolveu-o com a mão calejada, acariciando-o com firmeza, o polegar passando rapidamente sobre a ponta sensível para espalhar o pré-sêmen escorregadio que se acumulava ali.

Kaden soltou um grito entrecortado, seu corpo se contraindo, e Louis sabia que estava a segundos de distância. Louis também estava perto, o prazer se acumulando em seu íntimo, mas ele queria levá-los ao limite juntos.

Num movimento rápido, ele empurrou Kaden para o lado, puxando uma das pernas para cima para melhor acesso. Deitaram-se de lado, Louis estocando com força e brutalidade, sem nunca hesitar em segurar o pau de Kaden.

Kaden gozou primeiro, estremecendo com um gemido alto enquanto a liberação quente se derramava sobre a mão de Louis. A visão e a sensação fizeram Louis girar em espiral; ele conseguiu algumas estocadas rápidas e desesperadas antes que seu corpo ficasse tenso, e ele gozou dentro de Kaden com um gemido gutural, suas estocadas se tornando superficiais enquanto ondas de prazer o atravessavam.

Estrelas dançavam na visão de Louis enquanto ele se desfazia dos últimos impulsos do orgasmo, o corpo tremendo com os tremores secundários. Ele desabou contra Kaden, seus corpos suados entrelaçados, ambos exaustos e imóveis. Ficaram ali, respirando com dificuldade e descompassadamente, o calor entre eles lentamente se transformando em uma calma exausta.

Por um longo tempo, eles permaneceram entrelaçados naquele abraço quente e escorregadio, suas respirações se esvaindo à medida que a intensidade diminuía. Louis se afastou apenas brevemente para se livrar da camisinha antes de retornar para Kaden, envolvendo-o em seus braços mais uma vez.

Nenhum dos dois falou, exaustos demais para formar palavras. Kaden se mexeu um pouco, virando-se no abraço de Louis para encará-lo. Estava corado, os olhos pesados de exaustão, mas também havia uma suave satisfação ali.

Ele se aninhou na curva do pescoço de Louis, seu hálito quente contra a pele dele. Quando estava prestes a adormecer, Kaden murmurou sonolento: "Espero que sua perna esteja bem."

Louis riu baixinho, o som vibrando em seu peito. Ele havia se esquecido completamente do ferimento. Dando um beijo suave na testa de Kaden, sussurrou: "Está tudo bem."

E com isso, ele fechou os olhos, deixando o calor do corpo de Kaden embalá-lo para dormir.

***

Dormiram a maior parte da noite no sofá, aconchegados na sala de estar, até que o frio intenso os obrigou a ir para o quarto. Lá, passaram o resto da noite abraçados, com os corpos gravitando inconscientemente juntos, como se ontem não tivessem sido os dois maiores rivais da Liga de Hóquei.

A manhã saudou Louis com a luz do sol entrando pela janela coberta de neve. Ele se mexeu, espreguiçando-se preguiçosamente, mas quando se virou, a cama ao lado estava vazia. Por um momento, ele congelou. Será que a noite passada tinha sido um sonho? Seu coração começou a disparar quando ele se sentou, examinando o quarto em busca de qualquer sinal de que Kaden estivera lá. O pânico permeou seus pensamentos — até que Kaden entrou.

Totalmente vestido, com o cabelo penteado e franzindo levemente a testa, Kaden entrou no quarto.

"Bom dia", disse ele, com a voz casual, e Louis sentiu uma onda avassaladora de alívio. Mas o sentimento rapidamente se transformou em preocupação quando ele notou um toque de tensão nos olhos de Kaden.

"Bom dia", respondeu Louis, levantando-se e puxando o edredom em volta de si por pudor. "Você está bem?"

"Sim", disse Kaden rapidamente, sua carranca desaparecendo enquanto sorria. Sua expressão se suavizou ainda mais, possivelmente divertido com o estado desgrenhado de Louis. Ele se aproximou, segurou o rosto de Louis e o beijou profundamente. O toque era aterrador, enviando outra onda de segurança por Louis.

" *Você está* bem, Zenith?", perguntou Kaden, com os lábios se curvando num sorriso irônico. "Parece que você viu um fantasma."

Louis riu baixinho, ainda um pouco abalado. "Talvez sim. Por um minuto, pensei que tinha sonhado ontem à noite."

"Você não fez isso", disse Kaden com uma risadinha. "Quando acordei, pude sentir *com certeza* que não sonhei." Seus lábios se contorceram em um sorriso provocador, uma sobrancelha arqueada significativamente.

Louis sentiu o rosto corar quando a implicação se concretizou. "Hã... desculpe."

"Não sinta", respondeu Kaden, com a voz cheia de calor.

Ele parecia impecavelmente elegante — vestindo uma das camisetas brancas de Louis, provavelmente emprestada do armário, e suas próprias calças. Ele cheirava caro e limpo, como sempre, com o cabelo penteado para a perfeição de sempre.

“Quando você acordou?”, perguntou Louis.

"Por volta das nove", disse Kaden, despreocupado. "Mas agora são onze."

"Onze?" Louis franziu a testa. "Dormi até tão tarde?"

"É", Kaden confirmou com uma risadinha. "Fiz o café da manhã para você."

Louis piscou, estupefato. "Você fez?"

"Sim", disse Kaden, sorrindo. "O café também está pronto. Vou dar uma olhada. Mas, por favor", acrescentou com um olhar provocador, "vista-se antes de sair do quarto."

Louis sorriu ao ouvir as palavras, mas não pensou muito nelas,

observando Kaden sair com um balançar de cabeça divertido.

Cinco minutos depois, já vestido, Louis entrou na sala de estar — e congelou ao ouvir as vozes inesperadas vindas da cozinha. Não apenas uma voz — várias.

Atravessando a sala, dirigiu-se à cozinha com crescente curiosidade. Ao chegar à porta, parou no mesmo instante, de queixo caído.

Estavam na sala seis de seus companheiros de equipe: Mike, Santiago, Fareed, Jimmy, Sawyer e Eric.

Enquanto se misturavam casualmente pela ilha da cozinha, xícaras de café na mão, Kaden estava em pé junto ao balcão, servindo mais duas xícaras — indiferente como sempre, a própria imagem da calma. Mas assim que Louis entrou na sala, todos os seis pares de olhos se voltaram para ele em uníssono.

"Hã... bom dia?", murmurou Louis, com o coração disparado. Por um segundo, ele se perguntou se tudo aquilo não passava de um sonho febril bizarro causado pela infecção na perna.

"Feliz Natal, capitão", disse Mike, sorrindo enquanto pousava a caneca. "Os meninos e eu decidimos dar uma olhada em você. Espero que não se importe."

"Você não atendeu o telefone", acrescentou Santiago, reprimindo um sorriso irônico. "Então nós simplesmente... viemos. E batemos."

Uma pausa pairou no ar, carregada de significado, enquanto todos os seis companheiros de equipe trocavam olhares cúmplices antes de seus olhos se voltarem para Kaden.

Kaden, despreocupado, atravessou a sala com as duas canecas na mão. Entregou uma a Louis, e seus olhares se encontraram brevemente enquanto Kaden dava de ombros e mordia o lábio, com um traço de divertimento nos cantos da boca. "Desculpe, Lou", disse ele casualmente. "Acabei de abrir a porta."

Estranhamente, Louis não se sentiu horrorizado nem ansioso, embora, durante anos, temesse a ideia de sua equipe descobrir sua orientação sexual. Ele esperava que essa conversa acontecesse eventualmente, mas não daquele jeito — e definitivamente não com Kaden Faulter no meio. Ainda assim, em vez de pânico, seu peito se apertou com o riso mal contido. Será que essas últimas 24 horas poderiam ficar mais absurdamente Hallmark?

"Eu posso explicar", disse Louis timidamente, com a caneca quente nas mãos. Ele olhou para Kaden, cuja expressão era inconfundivelmente presunçosa. Ele estava claramente apreciando a perplexidade coletiva da equipe.

“Antes de começar”, interrompeu Mike, levantando a mão, “não importa com quem você dorme, capitão.”

"Hã...obrigado?" Louis respondeu, aliviado, embora com hesitação, sabendo que mais estava por vir.

"Mas..." Mike continuou antes que Sawyer interrompesse com um desapontamento: "Mas, falando sério, capitão? Você foi atrás do *Adônis* ?"

"Você não *odiava* o cara?", Fareed acrescentou, com descrença palpável.

"É, você não *suportava* ele", Jimmy interrompeu, balançando a cabeça em incredulidade.

“Oh Deus”, Louis murmurou, apertando a ponta do nariz.

Kaden se aproximou, abaixando a voz o suficiente para Louis ouvir enquanto sussurrava: "Vou deixar você com isso." Ele deu um beijo rápido e deliberado nos lábios de Louis antes de sair da cozinha e ir para o corredor, claramente saboreando o drama.

Louis suspirou, com o rosto corado, enquanto se virava para os companheiros de equipe. Todos o encaravam — alguns sorrindo como idiotas, outros fingindo estar ofendidos, claramente lutando para manter a seriedade. Ele passou a mão pelos cabelos e murmurou: "Meu Deus".

O FIM

Nota do autor

Obrigado por comprar este livro! Se você gostou, deixe um comentário. Seu feedback é muito importante para mim e ajuda outros leitores a descobrir a história.

Obrigado por fazer parte desta aventura!

Muitas felicidades,
Gaia Tate

CONFIRA MINHAS OUTRAS HISTÓRIAS:

Namorado para as Férias: Romance de Conto MM
A Grande Decepção de Benedict Blackmoor: Romance MM (Romance Independente)

Série Miles e Kieran:
O novo namorado do meu ex é um assassino: MM Comédia romântica e suspense (Livro 1)
Meu Falso Namorado de Natal: Novela de Comédia Romântica MM (Livro 2)
Nosso Caso na Ilha Misteriosa: MM Comédia Romântica e Suspense (Livro 3)
Nossa Aventura Secreta de Casamento: Comédia Romântica MM (Livro 4, Pré-venda)

Assine minha newsletter
TikTok @autorgaiatate
Instagram @authorgaiatate
E-mail autorgaiatate@gmail.com